

Carol Antunes

Despidas

Livro de perfis

**Orientação:
Professor Cláudio Coração**

UFOP

Título: **Despidas**

Autora: **Caroline Tereza Antunes de Souza**

Orientador: **Professor Cláudio Coração**

Conceito, arte e edição gráfica: **Edmar Borges e Márcio Mattos**

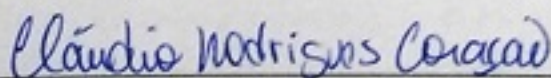
Caroline Antunes

Curso de Jornalismo – UFOP

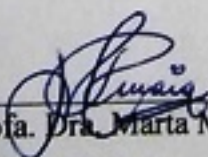
DESPIDAS: LIVRO DE PERFIS

Trabalho apresentado ao Curso de Jornalismo do Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas (ICSA) da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob orientação do Prof. Dr. Cláudio Coração.

Banca Examinadora:



Prof. Dr. Cláudio Coração



Profa. Dra. Marta Maia



Profa. Dra. Elza Rodrigues

Mariana, 10 de agosto de 2016.

*Dedico este livro a todas profissionais
do sexo que carregam diariamente
o preconceito vindo da sociedade.
Dedico principalmente a minhas
personagens: Dos Anjos, Alexia, Lúcia
e Dakota. Obrigada por confiar suas
vidas a mim. Elas estão seguras
comigo - prontas para anunciar ao
mundo que vocês são muito mais
do que mostram por aí.*

Agradeço:

Universo por ter me instigado esse tema o tempo todo.

Pai e mãe por sempre emanarem sentimentos de amor e confiança. Fer e Rafa por serem meu poço de orgulho e acreditarem na minha capacidade.

Coração por ter topado embarcar neste projeto de pieguice comigo. Edmar por ter me ajudado nos últimos minutos a ilustrar meus pensamentos. Qué-i por ter mergulhado nessa comigo quando o medo falou mais alto.

República Tropicália por ter pessoas que sempre me apoiaram e acreditaram que eu chegaria até aqui.

Folha vermelha

Folha vermelha

Saí do carro e já senti o ar diferente. Estava seguro, quando saí dali o medo pulsava dentro de mim. Não conhecia aquele mundo, apenas tinha uma ideia dele. A rua Guaicurus tinha pessoas indo e vindo o tempo todo. Fora da minha zona de conforto as pessoas eram estranhas. Me olhavam da cabeça aos pés. Procurava pelo número 648. Achei que seria um lugar com a placa da Associação das Profissionais do Sexo. Mas o lugar era um daqueles hotéis conhecido como “sobe e desce”. Não tinha entendido o porquê desse apelido. Na porta entendi tudo. Com um detector de metais na entrada, pessoas subiam e desciam. Era preciso mostrar o documento de identidade para entrar. Garotos novos. Homens velhos. De todas as idades. Negro, branco, pardo e amarelo. Todos com a mesma expressão. A busca por afagar seus prazeres de forma rápida, simples e barata.

Cheguei no segurança que ficava na porta. Ele me olhou por inteira. Me senti invadida. Quando perguntei pela presidente da Associação, seus olhos brilharam. “Essa garota quer se prostituir?” - li seus pensamentos. A partir daquele momento me senti objetificada. Quando se tem um rótulo o estereótipo chega rapidamente. Quis mais que meu trabalho desse certo, desobjetificar tudo isso. Ele me disse que ela ficava no final da garagem do hotel. Ali era escuro. Mas andei tentando não mostrar que o medo me dava frio na barriga. Cheguei até o final e procurei por uma porta. Achei, estava trancada. Adesivos sobre respeito com as garotas de programa colados por toda a porta fechada. Bati, tentei forçar para ver se abria. Nada. E agora?

Voltei até o segurança. Perguntei dela novamente. “Parece que ela não vem em fim de semana”. Era sábado. Mas eu tinha ligado e combinado. “Pergunta para aquele

cara ali, em frente à garagem”. Perguntei. “Ela não costuma vir em fim de semana não, moça”. Putz, mas eu marquei com ela. “Ok, obrigada”. Saí de lá e fui andando. Deveria ligar para ela naquele momento, já. Mas saí andando. Queria me afastar dali logo. Estava realmente nervosa. Assustada. Quis estranhamente chorar. Pensei por que não peguei um tema mais fácil para o meu trabalho final. Andei até achar um lugar “seguro”. Cheguei perto do terminal de ônibus, ali era melhor. Respirei fundo. Liguei para ela - não atende. E agora?

Liguei para minha amiga e fomos embora. Mais tarde naquele sábado a presidente Dos Anjos me ligou e disse que achava que eu iria encontrá-la em outro lugar. Que lugar? Mas ainda estava disposta a ajudar meu trabalho e me indicar fontes - amém. Marcamos um novo encontro para segunda-feira. Estava mais calma, agora sabia melhor onde estaria me envolvendo. E felizmente lembrei que não gosto de coisas fáceis. Eu aceito o desafio.

Nosso novo encontro foi na segunda-feira, dia 7 de dezembro de 2015. Não marcamos exatamente na Guaicurus, mas sim na rua que dava na São Paulo. Entre atrasos e desencontros, nos achamos às 10h30. Dos Anjos Pereira Grandão, 53, estava maquiada e bem vestida. Cabelos pretos longos e ondulados. Resolvemos ir em um bar conhecido dela. O bar era bem pequeno. Entramos e ela já começou a conversar com o dono, Pelé, como quem o conhece a vida inteira. Uma intimidade evidente. Pediu uma cerveja para nós e começamos o papo. Conversa vai, conversa vem. A minha ideia inicial não era tê-la como fonte do meu livro, mas sim uma pessoa que me ajudaria a encontrar outras garotas. Logo no início da conversa quis ela no meu projeto diretamente. Alguém que ama a

profissão que escolheu para vida seria uma história interessante para desmitificar a ideia de que as garotas fazem programa por falta de dinheiro ou que não gostam do que fazem. Dos Anjos gosta, ama. Nasceu assim, segundo ela.

Após um pouco de conversa, ela me perguntou se eu gostaria de subir num desses hotéis e ver como era. Disse que não poderia me acompanhar, pois todos a conheciam lá. Eu teria que ir sozinha. Tive um pouco de receio, mas se era para mergulhar que fosse dos pés a cabeça. Ela pediu para autorizarem minha entrada e subi as escadas devagar. Um segurança de mal com a vida ficava sentado vigiando quem subia e quem descia. As luzes do corredor dos quartos era baixa e vermelha. O ar era pesado, escuro de alguma forma. A maioria dos quartos estava de porta fechada. Mas o primeiro a tinha aberta. Uma garota estava deitada na cama, de calcinha e uma blusa a espera do próxima cliente. Não quis avançar mais de primeira. Apenas observei e descii as escadas. Homens subiam enfileirados. Me olharam por inteira, acreditando que eu era uma opção para eles. Apenas segui em frente. Não tive mais o medo da primeira vez que só passei pela porta desses hotéis. Achei uma vida curiosa e que eu queria mesmo conhecer de cabo a rabo.

Quando voltei e terminamos a entrevista, com mais cerveja e até dose de pinga, fomos ao encontro de uma amiga sua. Também ex-profissional do sexo, ela estava com sua filhinha de 5 anos. Conhecê-la era a oportunidade de ter outra fonte para meu projeto. Dos Anjos falou que ela era mais fechada e talvez não quisesse falar nada, mas eu tinha que tentar. Mais tímida, Lúcia era ruiva com os cabelos anulados. Mesmo não tão conversadora como Dos Anjos, ela foi simpática e quis me conhecer. Sentamos e bebemos mais uma cerveja, e, no meio dos papos, Dos Anjos falou um

pouco da minha proposta. Ela não ficou receosa nem nada, para minha surpresa aceitou na hora. Peguei seu telefone e ficamos de marcar nossa entrevista para breve. Enquanto me passava seu telefone, ela me mostrava também as fotos do pai de sua filha Bárbara. Visivelmente ainda apaixonada por ele, tinha saudade e orgulho em seus argumentos. Meu horário estava chegando ao fim e elas me levaram até o ponto de ônibus, muito atenciosas com o fato de que eu nada conhecia na capital.

Voltei em Belo Horizonte na sexta-feira, 8 de abril. A ideia era ter um segundo encontro com a Dos Anjos. Novamente vivemos de encontros e desencontros. No domingo, após não ter respostas da presidente da Associação se poderíamos nos encontrar na segunda-feira, comecei a achar que ela não queria mais falar comigo. Tínhamos combinado o encontro na sexta, mas como cheguei tarde na capital, optei por ver outro dia. Seria perigoso ir a noite para um bairro que nada conheço. Sem respostas por dois dias, comecei a achar que minha viagem seria em vão.

Com medo que ela não me respondesse, comecei a buscar outras opções. Consegui achar uma nova personagem para entrevistar no dia seguinte. Por sorte, na mesma tarde de domingo Dos Anjos resolveu me responder. Marcou nosso segundo encontro para a segunda também. O dia seria cheio de surpresas e histórias que eu tinha sede de tomar.

As 14h, encontrei com Dos Anjos. Desta vez trocamos os hotéis sobe e desce da Guaicurus pelo local em que ela realiza o projeto com a igreja evangélica. Um bairro mais afastado e simples, o lugar era repleto de esperança. O projeto que trabalha com filhos de profissionais do sexo traz em seu ambiente violão, lousa e uma área de salão de beleza

que também funciona como dentista para as crianças. Consegui imaginar a infância deles sendo resgatada pela Dos Anjos.

Como sempre bem arrumada, com batom e sorriso na boca. A conversa foi mais rápida. Era para colocar os pingos nos is que tinham ficado sem no nosso primeiro encontro. Desta vez pude sentir mais sua fé que a levava a acreditar o quanto a vida é boa com ela. E o quanto a movia para querer ajudar o próximo. Com duas bíblias na bolsa - cortesia da casa - encerramos nosso dia.



Dos Anjos

*“Eu nunca me perdi, sempre me achei.
A prostituição pra mim nunca foi um caminho perdido.”*

Dos Anjos só quis asas para voar. O vôo livre foi o caminho que saiu à procura aos 13 anos. A prostituição era sua estrada que a levou a muitas outras coisas. Tantas vidas em uma só. O cabelo preto é seu traço marcante. A vaidade estava representada pelo batom forte e maquiagem no olho. As palavras contavam que sua personalidade era tão intensa quanto o batom.

Ao caminharmos juntas, havia um medo em seu andar. A famosa Guaicurus tinha algo que amedrontava aquele olhar, quase sempre, seguro. Havia muita história naquelas ruas e hotéis. Apesar de ter vivido no “sobe e desce” por pouco tempo, quando conheceu a zona, nunca mais conseguiu sair dela. Seja como dona de restaurante, como dona de salão de beleza ou como prostituta. Diferentemente de outras garotas que faziam seus programas rápidos, sempre foi dedicada de outra forma à profissão, porque realmente gostava de estar nela.

Em um boteco pequeno naquela rua, éramos eu, Dos Anjos e copos de cerveja. Segunda-feira sempre foi seu dia de relaxar e a bebida era uma amiga nesse ponto. Com o passar do tempo, ela percebeu que o álcool lhe ajudava a ficar mais espontânea, então se divertia mais. Visivelmente ali era seu local de luz. Os olhos brilhavam e a intimidade com o lugar era gritante. “Pelézinho”, dono do boteco, era seu amigo de tempos. Conforme a conversa fluía, ele estava no meio - opinando, escutando.

“Eu quero ser prostituta, eu vou para o mundo” - ela dizia para o pai que tinha a arma na mão. Com uma figura paterna à moda antiga, carrasco e severo, a ideia da prostituição era como uma carta de liberdade. Sair para o mundo e ser dona de si - do seu corpo, da sua alma. A mãe, aguentava calada o que o marido fazia. O casamento não existe mais, não foi só Dos Anjos que optou por ser livre. Muito se explica a paixão pela profissão: ela sentia que a cada homem com quem saía, era um troco dado a seu pai.

Aos 51 anos, hoje tem uma relação pacífica com a família. Nunca deixou que nem seus pais nem os irmãos falassem sobre o futuro que escolheu para seguir. Eram em doze irmãos, hoje são apenas seis. Três homens e três mulheres. “Não dei opção pra nenhum dos meus irmãos ficarem chateados com minha profissão, nem para meu pai que era meu pai. A vida é minha, eu sou dona dela, faço dela o que quiser. Se eu quiser estragar eu estrago”.

A ideia da profissão não foi a falta de escolha, não foi a necessidade. “Eu já nasci prostituta. Um dia que uma menina se perdeu lá, engravidou e falou que era prostituta, eu queria ser prostituta. Queria sair da minha casa, queria ser livre do meu pai mandar em mim. Porque tem essa, tem a prostituta que faz porque gosta, e tem aquela que tá aí por não ter opção”. Dos Anjos quis. Mais do que querer, amou. Mais do que amar, era seu prazer.

O primeiro programa seguiu o estilo que levou a vida toda: uma acompanhante. Não gostava de fazer nada apressado - o prazer era a conquista. O jogo de sedução que elevava o ego. Fugiu de casa e ficou com um menino. Sua primeira vez já foi comprada; vendida - mas querida. O cara que tinha muito dinheiro queria aprisioná-la mais uma vez. Mas ela não tinha saído de casa para depender de outro

homem. Ela tinha saído para viver a vida do jeito que queria. O pai tentou buscá-la, trazer de volta a menina que virou mulher rápido demais. Mas ela queria ir mais longe.

Natural de Josenópolis, partiu para Grão Mogol e encontrou um novo rapaz. Ele a bancava em troca da sua companhia. Paralelamente ela saía com outros caras. Mas como seu carma envolvia homens que queriam ter poder sobre Dos Anjos, logo ele ficou enciumado e o que era negócio se tornava mais um querendo possuí-la. Após alguns anos, a hora era de partir para outra estrada.

Montes Claros foi seu novo destino, que lhe trouxe novas surpresas. Clientes fixos. Clientes que a bancavam. Clientes que pagavam e iam embora. Propostas de casamento. Recusa. Primeiro filho. “Não foi algo que eu tomei uma decisão minha. Foi uma coisa que aconteceu”. Hoje com 9 filhos, nenhum deles veio de seu ventre. As pessoas viam Dos Anjos como alguém que ajudaria a reestabelecer a vida. Todos filhos de outras garotas de programa, a primeira vez veio do nada. Uma menina que conhecia estava grávida, e após ter o bebê mandou entregar o filho na casa dela.

Não só na prostituição, Dos Anjos sempre teve outra fonte de renda: vendia roupa, sapatos e jóias. As outras meninas enxergavam nela alguém que tinha como criar seus filhos. “Nenhum eu fui atrás para adotar, eles foram vindo, acontecendo. E passaram vários por mim, não são só esses. A primeira criança que eu tive, eu tinha 19 anos. Com 19 anos chegou um, com 20 chegou o outro, e assim foi indo”. A preocupação com os filhos é evidente. Não foi premeditado, mas ela aceitou esse caminho materno de braços abertos. “Meus sonhos todos são realizados. Agora o único objetivo que tenho é ver meus filhos maiores crescerem”.

Aos 20 anos queria ganhar o mundo. Coincidência do destino ou não, Belo Horizonte, a zona e a Guaicurus chegaram para marcar a vida. Tudo porque tinha emprestado um cheque para ajudar uma menina sair da prostituição e ela não cobriu. Dos Anjos precisava do cheque, então foi à capital e ficou. Os filhos a acompanharam na nova aventura. Quando chegou, resolveu se arriscar nos hotéis sobe e desce. Luzes vermelhas, amarelas, azuis decoravam o local. A rapidez que homens subiam e desciam não era seu perfil de profissional do sexo. Não gostava de fazer as coisas com pressa, em um lugar que quantidade significa mais dinheiro. Queria ir com tranquilidade e fazer da qualidade um lucro maior. “Meus programas nunca se compararam com os programas daqui (Guaicurus). Meu programa era um trabalho mais demorado, mais caro. Eu gostava de sair, beber com o cara. Por isso não me adaptei aqui na Guaicurus, que é uma coisa mais rápida”. Dos Anjos nunca teve problema para arrumar seus clientes: em uma lanchonete conversava com um homem e ia para um motel. Sem segredos, sem complicações.

Mesmo por pouco tempo, lá dentro do hotel ela conheceu o Ita, o cara com quem está junto até hoje. Primeira mulher na vida dele, não foi paixão - foi conveniência. As coisas foram acontecendo mais uma vez. Um dia ele chegou na casa da Dos Anjos e quis ficar. Ficou. “A gente se conheceu e já foi morando junto. Foi para minha casa, se encantou com meus meninos. A paixão dele não é por mim, é pelos meus filhos”. Há 21 anos com ele, o relacionamento é envolvido em uma parceria. Nunca deixou de exercer a profissão. Ele não tem ciúme disso. Conheceu ela assim e a quis assim. “Eu tô com meu marido não porque

eu gosto dele. Ele é uma pessoa companheira, respeitadora. Não tô porque eu amo ele, e olha que é um gato viú?”.

Foi na Guaicurus também que ela passou a desenvolver o gosto de ajudar quem estava no mesmo ramo, mas estava se perdendo. Ajudava profissionais a saírem dos hotéis, das drogas e tráfico. Queria para elas uma vida melhor. Tirava algumas da prostituição. Parece contraditório pra quem diz amar a profissão, mas Dos Anjos sabia que algumas estavam naquela vida por falta de opção. Não como ela, que gostava.

Em 2003 resolveu fazer do seu gosto uma coisa concreta. Fundou a Associação das Profissionais do Sexo de Belo Horizonte. O trabalho é focado em tirá-las de uma vida ruim e levá-las para uma capacitação, um curso, uma nova vida. “Pode estar num aperto, pode estar aonde estiver que eu mando lá buscar. Que para nós, profissionais do sexo, é muito difícil conviver com a família. A gente teve sempre uma vida individual, uma vida que a gente pagou pelas contas da gente. Então a gente não é submissa de aguentar desaforo da família, e quando a gente vai ficando com certa idade, a coisa vai ficando difícil, vai chegando mulher mais nova”. E não é só na capital mineira que ela ajuda as meninas, Dos Anjos costuma viajar para outras cidades e ajudar outras garotas a construírem sua própria associação que ampare os direitos de todas profissionais.

Presidente da Associação e mãe de filhos de outras profissionais do sexo. A parceria do seu casamento foi além do lado paterno para seus filhos. Há 5 anos os dois se casaram em uma igreja evangélica. Tudo aconteceu para que ela pudesse integrar em um projeto que ajuda filhos de prostitutas. Era parte do estatuto. O projeto Redenção funciona em um espaço que acontece várias atividades:

atendimento psicológico, dentista, oficinas, aula de violão, luta etc. O lugar não é tão grande, mas tudo se monta conforme o que irá fazer. “Aqui é a sede da Associação, aqui é o Projeto, aqui funciona tudo. Ali tem um salão, tem tatame, tem roupas pra bazar, aqui é tudo. Aqui é um tira e põe”.

Dos Anjos toma conta de 45 crianças. Apesar de parecer que a religião e a prostituição andam em vias contrárias, para ela o caminho é lado a lado. Ela e os pastores sabem trabalhar para um bem maior deixando de lado preconceitos. “Ninguém tem moral para falar nada de mim, acima de mim só Deus. Eles nunca tentaram falar nada, não tem moral não. Eu trabalho com um pastor e ele fala ‘eu não quero mudar você, quem pode mudar você é Deus. Ninguém tem que dar peteleco na sua vida para você mudar”.

Batizar-se e casar na igreja evangélica, primeiramente foi por outros interesses pessoais. Mas Dos Anjos encontrou seu Deus. “Passei a acreditar profundamente. Acredito que Deus tem um propósito pra minha vida, porque tudo o que eu aprontei na minha vida e eu não morri é porque Deus tem algo pra mim. Ele tinha alguma coisa programada pra que eu ajudasse mais as pessoas do que eu já ajudava”.

Tantas vidas em uma só, a zona também trouxe muitas outras coisas. “Eu aprendi muito aqui na Guaicurus, eu cheguei com uma experiência de vida e saí com outra. Não tenho o que reclamar, a única coisa ruim que tem aqui é a polícia e as diárias caras”. Mulher de temperamento forte, logo os homens fardados não gostaram dela. Teve muito problema com a polícia porque se eles mexiam com a profissional do sexo ela ia lá brigar. “Eles me detestam. Na

verdade, polícia não gosta de profissional do sexo, e tinha uma turma aqui que eles chamavam as meninas para traficar. E eu comecei a bater de frente com eles, saía até na televisão. Daí quanto mais eu aparecia na televisão, mais arrumava cliente”. Dos Anjos se diverte com essas lembranças. Apesar de ter sido presa várias vezes, a ocorrência nunca ficava. Não havia nada para registrar, era mais uma vez um homem querendo prender seus pensamentos, suas ideias, seu corpo.

Quando tinha um restaurante na Guaicurus, um homem prendeu seu coração. Italiano, porte grande, doido, aloprado, diferente de todos que ela já tinha conhecido. “Quando conheci o Franco, eu realmente soube o que era o amor. Foi a primeira vez que eu me apaixonei e a única que eu tive. Mas eu não tive nada com ele, nenhuma relação sexual, só beijei”. Para uma mulher que é acostumada a ter o sexo em sua vida, a relação sexual não influi em nada : “influi é o tocar, o carinho, o beijo”.

O romance não deu certo. Ele namorava outra garota de programa e mexia com cocaína. Uma combinação que Dos Anjos nunca aprovou. A paixão acalmou. Mas tem chama que nunca se apaga. Franco a procurou no começo do ano e queria encontrá-la. Estava na capital e ficaria nove dias. “Eu até chorei, acho que a paixão ainda não passou” - sorriu com o olhar triste. Dos Anjos preferiu não ir, o medo era maior. Ela prefere não se apaixonar de novo, porque pra ela amar é sofrer.

Aposentada no amor, como profissional do sexo ela deixa no ar. “A prostituição eu nunca vou largar, porque a prostituição tá na cabeça da gente. Eu já nasci assim. Pensando na parte de exercer a profissão, não vou falar nem

que sim nem que não, porque depende da situação, varia muito”.

Para ela o machismo extremo ficou para o passado, hoje em dia os homens estão mais tranquilos ou virando “viado”. Ela não combinava nada que podia ou não. “Nunca tive medo em nenhum programa. Sempre me prevenia, nunca saía sem conhecer nada do cara. Eu divulgava meu telefone, mas o cara ligava para mim e eu não saía direto para o sexo. Nunca fui disso. Eu saía antes com ele, batia um papo, tomava uma. Porque eu não vou para um lugar que eu não conheço com alguém que eu não conheço. Hoje as pessoas tem a cabeça muito cheia de maldade. As vezes na primeira vez eu arrancava dinheiro dele sem fazer nada. Só de conversar”.

Para ser uma garota de programa, ela precisa ser atriz também. Psicóloga. Artista. “Mesmo quando você não tá sentindo nada você tem que fingir bem”. Há o fingimento, mas também há verdade. O mito de que prostituta não sente prazer é mentira para Dos Anjos. Ela já chegou a ter orgasmos com clientes. Como uma mulher que gosta do que faz, ela não diferencia o sexo da prostituição com o da vida pessoal. “Porque a mulher que sabe trabalhar tem que saber tratar o homem bem. E é o que eu faço no trabalho e na vida pessoal. Se uma mulher não serve pra ser esposa ela não serve pra ser profissional do sexo”.

Fetiches estranhos sempre existem, mas Dos Anjos gosta do desafio. A diversão era fazer reunião com suas colegas de profissão só para dividir essas coisas. Fora da prostituição, sua fantasia é ficar com um homem gay. “Eu acho que é um homem diferente, acho não, tenho certeza”. Além do diferente, o que a chama atenção em um homem é o

dinheiro. O que não a atrai em nada é programa com mulheres.

Quase uma vida toda na profissão, Dos Anjos não tem ideia de quantos programas já fez. “Eu não fui mulher de muitos programas, eu era de parar e arrancar dinheiro. Eu não tinha pressa não”. Procurada por homens de todos os tipos, ela acredita que as pessoas enxergam a prostituição como uma fantasia. “Todo homem tem uma fantasia. Daí vira um vício, vem a primeira, depois vem a segunda. Tem homem que vem na zona todo dia. E a maioria dos homens que vem, é casado”.

Atrevida, topetuda e mandona, como ela mesma se descreve, sua personalidade forte nunca deixou a discriminação com sua profissão afetá-la. “O preconceito começa da gente, se você deixar, todo mundo vai ter preconceito contra você. Mas a partir do momento que você não tem preconceito, você afasta qualquer pessoa que possa ter preconceito de você”. Dos Anjos não gosta de dançar nem viajar. Seu lazer sempre foi a sua profissão e viver no meio em que ela acontece. “A profissão me faz me sentir desejada, pois eu não faço nada que eu não esteja me sentindo bem. A prostituição aqui na Guaicurus era meu lazer, aonde eu tomava minha cerveja, que eu vinha para me divertir, fazia farra, encontrava minhas meninas. Minha vida inteira foi a zona”.

Dos Anjos só quis asas para voar. Não quis estudar ou ficar presa a um homem. Quis ser a prostituta. Quis cuidar das outras. Quis amparar seus filhos. A mesma asa com que voa, protege seus similares.

“Eu gosto de ser livre. Sou aposentada, mas puta na verdade eu nunca larguei, parece que eu já nasci, que veio no sangue. Sempre amei o meu trabalho, toda vida. Não me

veria fazendo outra coisa. Até hoje, tem que me segurar muito, qualquer coisinha que acontece eu quero ser a prostituta.”

Voou.

Folha vermelha

Folha vermelha

No momento antes da Dos Anjos não me responder, me preocupei em não conseguir entrevistar ninguém no fim de semana do dia 9 de abril. Como eu já estava em BH, entrei em sites de garotas de programa de luxo de lá. Olhei vários perfis e anotei o número delas. Mande mensagem no WhatsApp para cada uma me apresentando e falando um pouco sobre meu trabalho. Tive um misto de esperança que alguém me respondesse e ao mesmo tempo medo de que ninguém falasse nada.

Eu já tinha mandado mensagem para umas dez garotas do site Bh Models. Quando já tinha decidido esperar a resposta de alguma, minha amiga abriu outro site. Resolvi mandar para mais uma antes de sentar e esperar. Bingo - a mais uma, se tornou a única. Alexia me respondeu em questão de minutos. A resposta foi pequena e certa: "pode contar". Pode contar com você? Sim, pude contar. Nem acreditei, pulei de alegria. Sua disposição em me ajudar foi de bom coração. Me chamou para ir no seu apartamento em um bairro nobre da cidade. Falou para levar meu biquíni e ficarmos na piscina conversando. Ri quando li o convite. Nesse percurso que tive até agora, mesmo sendo apenas o começo, me deparei com pessoas dispostas a me mostrar seus mundos de uma forma completamente inesperada. Depois de tudo combinado, fiquei contando as horas para o próximo encontro, que seria no dia seguinte, na parte da manhã.

Segunda-feira, 11 de abril, acordei cedo. Minha amiga me acompanharia nesta jornada. Um medo ainda me acompanhava, então para ter mais segurança, alguém conhecido se dispôs a me ajudar. Marcado para as 10h30, chegamos no horário. Bairro Estoril, executivos por todos os lados. O ambiente era bem diferente do primeiro que tinha

encontrado. O luxo era outro. Mas para minha surpresa, a trajetória de ambas tinha muita coisa em comum.

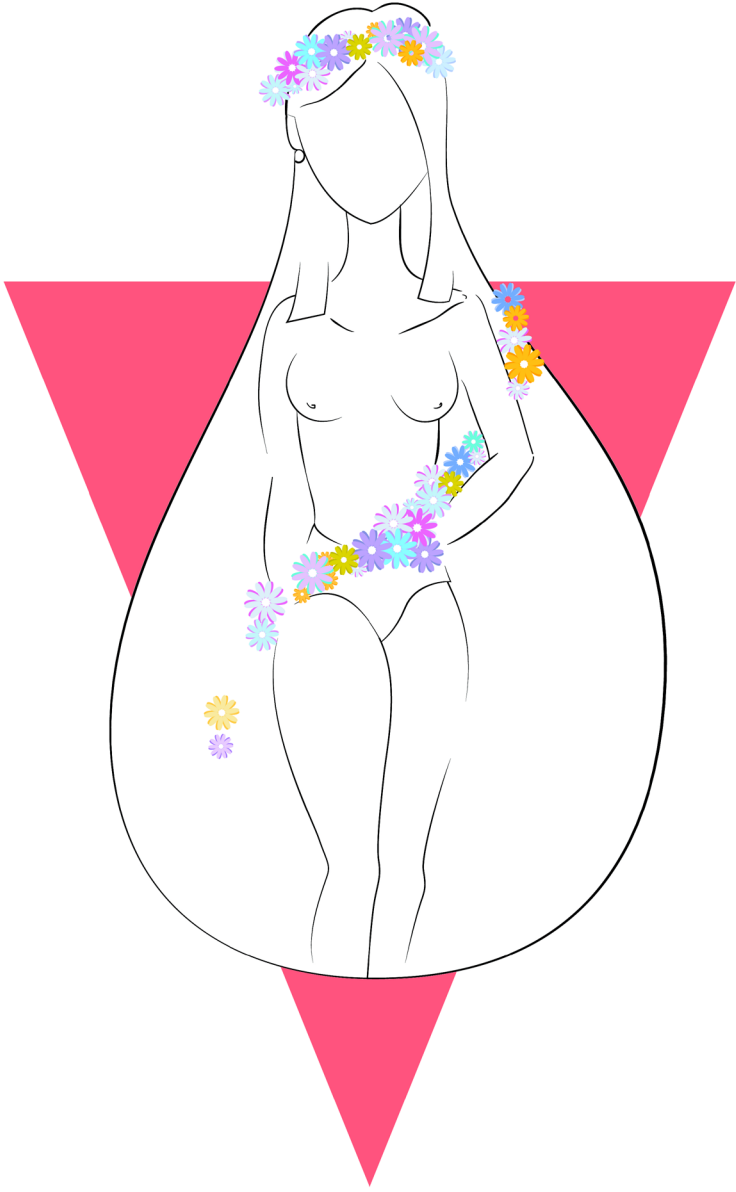
Entramos no hotel e falamos que queríamos falar no apartamento 1104. Os olhares brilharam. “É a Alexia?” - sim. Já no elevador, um dos moços que estavam na entrada nos perguntaram: “Vocês são amigas da Alexia?”. Não soube direito o que responder. A pergunta tinha malícia, assim como quando perguntei pela Dos Anjos. O famoso preconceito que se encontra tanto na Guaicurus quanto naquele bairro bonito. Não importa o tipo da prostituição, a imagem que a sociedade tem quando se procura por uma garota de programa é a mesma.

Alexia já nos esperava com a porta aberta. Um top e uma calcinha estilo shortinho vestia seu corpo esbelto. Um pouco diferente das fotos do site, ali encontramos a pessoa Alexia, não a profissional do sexo. Despida de maquiagem e poses sensuais. Mas coberta de uma história de vida de muita luta e estradas conturbadas para chegar até ali.

Muito simpática e receptiva, tinha a vida engasgada na garganta. Queria por pra fora. Queria nos contar. Queria que eu colocasse no papel. Sua amiga e companheira de apê também estava lá. No começo apenas ficou pelos cantos, depois de um tempo quis participar e contar um pouco de si também.

Me confessaram que tiveram medo de nos receber. Ainda mais Alexia que teve a vida afetada pela maldade humana. Mas a vontade de ver o que era falou mais alto - para minha sorte.

O apartamento tinha um espelho grande. Era branco e iluminado. Um ambiente agradável. Nossas 2 horas de conversa passaram voando. Mas tive certeza que a vida para Alexia tinha demorado a passar.



Alexia

“Com o tempo é legal ter alguém que escuta suas histórias, pra entender o por trás disso tudo, porque todo mundo só julga.”

Ao sentar no sofá, no 11º andar de um prédio chique no bairro Estoril, as histórias começaram a vir. Minha pauta cheia de perguntas se tornou inútil perto de alguém que tinha uma vida de fôlego - queria expirar tudo para respirar em paz novamente. Alexia sentia como um desabafo mexer em sua mala de recordações. O orgulho de estar ali, vivendo o melhor momento da vida em contraste com tudo de ruim que já lhe aconteceu era nítido. Ela experimentou da maldade humana em inúmeras doses nada pequenas. A vida lhe surrou, bateu de frente. Alexia deu o outro lado da face para bater.

Quem a vê hoje em um bairro nobre de Belo Horizonte nem imagina que aos 13 anos ficou sem teto. 19 longos anos depois o céu que acompanha é outro. O espelho grande logo na entrada a mostra confiante e bonita, diferentemente de quando morava com sua mãe que tinha o prazer em fazer ela se sentir feia e suja. “Minha mãe me fazia pagar pelo o que a mãe dela tinha feito com ela. Ela cortava meu cabelo joãozinho e falava ‘se eu não fui bonita, você não vai ser’”. Bastava um olhar para sua mãe, que um tapa vinha. Bastava estar um pouco bem, que a frase “você devia ter morrido, não devia ter nascido!” era repetida de novo, de novo e de novo. Não só ataques verbais, Alexia apanhava de sua mãe e era violentada pelos irmãos. “Ela arrancava minha roupa, me humilhava na frente dos meus irmãos. Inclusive o fato de eu ser violentada dentro de casa,

foi ela quem estimulou. Ela arrancava minha roupa na frente deles”. Desde nova teve o corpo atacado, vendido, usado - só que de uma forma não autorizada.

Naquela época, inocente e perdida, chegou a acreditar que a polícia era sinônimo de ajuda. Em uma das violências sofridas, um dos irmãos estourou seus dedos. Não bastando a dor física e a humilhação, a mãe lhe bateu por ter sujado o lençol de sangue. Resolveu ir falar com os caras fardados. Resultado: nada podia ser feito. Analisando de longe, Alexia acredita que o policial era um pedófilo. Depois de conhecer e perceber crueldade das pessoas, ela sabe que ele quis se aproveitar da menina perdida. “Eu tava sentada no carro e ele começou a passar a mão em mim, no meu ombro, ‘nossa, uma menina linda como você’, eu falava ‘mas eu não posso voltar pra casa, eles vão me matar’, ele falava ‘a gente não pode fazer nada, mas se acontecer isso de novo eu levo você pra morar comigo, eu tenho uma filha da sua idade’, me alisando. Com quem você vai contar? A gente passa por muita maldade, ainda mais a gente que é mulher”.

Esse é o período que Alexia está gostando mais de trabalhar, principalmente porque acha que os homens não valem a sua lealdade. “Eu tentei várias vezes ser diferente mas toda vez é a mesma coisa. Já fui doméstica, o cara bebeu e veio com graça. Você tenta mas as vezes você é obrigada a ser de certo modo e agir de certa forma pra se salvar”. O histórico de homens que quiseram se aproveitar dela é extenso. Qualquer momento era a oportunidade para passar uma mão aqui, outra lá.

Depois de perceber que não iria ter justiça e que provavelmente se voltasse pra casa poderia morrer, Alexia vagou pelas ruas. A vontade foi de acabar com a vida que só tinha tristeza. A salvação veio com a vizinha, que viu o

estado desesperado e a levou para sua casa. De São Paulo, onde vivia, ela lhe mandou para casa de sua vó, que morava no Paraná. “Eu pensei que minha vó ia ser uma pessoa melhor, a gente não sabe da maldade. Mas minha vó era igual, daí que eu fui ver porque minha mãe era assim”. A humilhação a acompanhava novamente, todos os dias. Se tornou a empregada de sua própria vó que dizia que “porque você não tem pai e mãe, tem que pagar para viver”. Alexia nunca esqueceu disso, matou mais um pedacinho de esperança de que ela poderia ter uma família.

Uma vassourada na testa foi a última gota d’água. Suas amigas queriam que ela denunciasse a exploração da vó, mas naquele momento, na flor dos 15 anos, ela já sabia que a justiça não estava do lado dela. Com as roupas jogadas janela a fora, mais uma pessoa de sua família avisou que não queria que ela tivesse nascido.

Alexia sempre teve muito amigos, sempre foi fiel a quem lhe dava amor e confiança. Foi nessas amizades que ela conseguiu ajuda ao se encontrar sem uma casa novamente. Tinha vergonha de pedir as coisas, então se encontrou como uma andarilha - de lá para cá, de cá para lá. Passava o dia na casa de um amigo e comia. Depois de outro. As vezes na rua. “Era uma vida muito humilhante”.

Uma das tias a viu na rua e fechou a porta. A casa estava trancada para Alexia, que viveu a vida sendo negada por quem tinha o mesmo sangue. Como uma luz no fim do túnel, uma tia de São Paulo a chamou para morar com ela. Tudo parecia que ficaria bem desta vez. Mas os parentes começaram a jogá-la um para a casa do outro. Estava de novo em uma toma lá dá cá.

Alexia gosta de futebol e sempre gostou de “coisas de homem”. Seu papo com as pessoas do sexo oposto

sempre fluiu facilmente. Procurando nos tios o conforto e a segurança de um pai que nunca teve, a impressão saiu errada. O amor paterno que tanto queria saiu em forma de ciúme das tias pelos seus maridos. O ciúme saiu em forma de grosseria. Menor de idade e sem poder continuar os estudos de tanto vai e volta, a tia queria distância. Queria que ela arrumasse um emprego. Mas a juventude fazia com que ninguém quisesse dar emprego pra uma menina. “Minha tia não conversava comigo, não olhava na minha cara, ela falou ‘eu não gosto de você, eu não quero você na minha casa’. Foi horrível. Ela ligava pras minhas tias e falava mal de mim”.

Se quem era de sangue não tinha compaixão, quem de nada era, tinha. Em um dia no parque, dispersa em lágrimas, uma menina quis escutar sua história. Levou-a em seu bairro para conhecer sua vizinha. “Eu não te conheço, mas pega as suas coisas e mora na minha casa” - disse a vizinha comovida com a vida de Alexia. Então o vento a levou mais uma vez. Foi morar com ela e o marido. Mas como nada foi fácil, mais uma vez ela se deparou com dificuldades. O marido batia frequentemente na mulher, e Alexia não tinha passado por tudo que passou para assistir o abuso das pessoas novamente. “Eu não gostava de ver isso aí, ele batendo nela, e me intrometia. Só que ela gostava e um dia ela se rebelou contra mim. Ela falou pra mim ‘não quero mais que você fique na minha casa’”.

Mais uma vez Alexia pegou sua trouxinha de roupa à procura de um teto. Chegou a morar com a tia da moça com quem trabalhava em uma loja. Mais uma vez nada funcionava. Seus costumes particulares de convivência eram muito sistemáticos. Não deu certo. “O importante é que eu tenho que estar bem. Até hoje esse tipo de coisa me irrita,

por exemplo bagunça em excesso, coisas fora do lugar, eu não gosto”.

Já aos 18 anos, ela não tinha como ficar ali e não tinha pra onde ir. Decidiu sair da capital e seguir para o interior paulista. Ferraz de Vasconcelos foi o destino que encontrou um lugar que poderia comer e dormir. Em uma boate, naquele momento ela soube que o que ela entregaria em troca, não teria de volta. “Minha família sempre foi muito ruim comigo. Eu entrei na profissão por causa deles”.

O primeiro programa foi sofrido. Algo ali a lembrava o quanto tinha crescido sem amor, sem carinho. A recordava que não tinha ninguém. “Você sofre por dentro mas acho que você tá tão morta que nem consegue chorar. É triste”. Além da dor de vender seu corpo, o mundo de boates é bem competitivo. As colegas de profissão de Alexia eram maldosas e agressivas. E os clientes, muitas vezes, perigosos. A maldade humana foi experimentada por ela em todos os cantos no qual passou.

Havia alguns clientes que sempre frequentavam o lugar, querida pelo cafetão, se alguém a incomodava, o dono logo a defendia. Um dia um deles lhe incomodou e o dono não foi muito simpático. Passado um tempo, um amigo desse cliente falou com Alexia que queria levá-la para jantar, dar flores. “A gente começa a sempre esperar pelo tal do príncipe encantado, que vai salvar a sua vida. Um dia empolgada tava com uma amiga e uma invejosa que trabalhava comigo, falei o que o cara tinha falado. Daí a invejosa falou: ‘vou te contar uma coisa, mas por favor não conta pra ninguém, esse cara me ofereceu dinheiro pra te levar pra qualquer lugar pra te matar, pra te dar um tiro’. Tiro? Por quê? O que eu fiz?” - Alexia não entendeu. O cara

queria matá-la porque no dia que o cafetão xingou o amigo dele, ele se sentiu ofendido.

Mais uma vez, ali não poderia ficar. Não dava para conviver com o medo de ser morta a qualquer momento. Da-lhe jornalzinho amarelo de novo. Sentada na sua cadeira, perto do seu microondas, pisando no seu chão, Alexia mostra que as coisas não foram fáceis, mas hoje tudo é seu. Sem jornalzinho ou trabalho por comida e teto. Tudo seu. Conquistado e batalhado depois de muito por aí caminhar sem lenço nem documento.

Passou em casas que tinha apresentação de cada prostituta para os clientes e ganhava uma miséria. Até que então descobriu a internet. Percebeu que divulgando fotos online, ela conseguiria clientes também e ganharia melhor. “Comecei a trabalhar no flet e minha vida começou a melhorar. Eu ganhava muito dinheiro, só que eu era arrogante, eu era triste. As amizades era tudo por interesse, eu tinha do bom e do melhor mas o dinheiro não rendia, eu gastava horrores em festas”.

Um dos seus clientes na época era italiano e a levou para Itália. Foi a hora de ir mais longe e experimentar novas coisas. Ele falou “vamos pra Itália comigo”. “Se você me der um apartamento e um carro, eu vou”. Ele até aceitou a proposta, mas Alexia preferiu não ficar com ninguém por interesse. “Eu tinha 18 anos e tava me descobrindo, não queria vender a minha liberdade, eu queria ser eu, eu queria ver o que que o mundo tinha”. Ela foi com ele, mas com a ideia que trabalharia lá como modelo. “Só que o italiano é o seguinte, ele é muito egoísta, é falso e mentiroso pra caralho. Eu fui lá e ele não me ajudou com agência, com nada”. Sem ajuda e sem ninguém, voltou a trabalhar com o que já conhecia.

Foi morar com três baianas e a prostituição realmente estava dando lucro. Chegava a ganhar mil euros por dia. Os clientes gostavam de Alexia e isso fazia com que as companheiras de casa a invejassem. “Só sei que duas semanas que eu morei com elas fizeram da minha vida um inferno. Eu tava com cliente, elas abriam a porta, batiam na porta. Eu chorava todo dia”.

Lá era cinza e triste para Alexia. Não tinha o lenço e documento que sempre viveu sem - fez falta. Sem autorização para estar no país, tinha que viver dentro do apartamento. Aprendeu a falar italiano em duas semanas. Como já conseguiria se virar sozinha, foi para Milão, ela e Deus. Com pouco tempo, a dona do apartamento foi morar com ela e um amigo cabeleireiro. “Eu fui começando a melhorar minha vida. Só que eu tinha muita coisa pra melhorar porque como eu era muito amargurada, eu era arrogante, eu era má de destruir você. As pessoas ficavam intactas comigo, elas não conseguiam dar conta, não tinha como reagir comigo”.

O velho clichê que dinheiro não traz felicidade se encaixou bem na vida da profissional naquela época. Gastava o que ganhava comprando várias coisas para tentar suprir a dor e solidão. Até que uma hora ou outra, se apaixonava. Mas homens abusivos e que sugavam sua energia eram os mais encontrados. Quando gostava e começava a namorar, deixava a profissão de lado. Prostituição e amor para ela não andavam juntos.

Seu primeiro namoro na Itália durou dois anos de idas e vindas. Ele queria casar para que ela tivesse cidadania, só que Alexia queria casar por amor. Uma relação desgastante, ela era sempre humilhada por ele. “A mãe dele era apaixonada por mim, o pai me tratava como se eu fosse

filha. Era capaz dela colocar ele pra fora de casa do que eu. No dia que a gente não ficou mais junto, ela falou ‘me desculpa, é meu filho, mas é um filho de merda e você faz muito bem de deixar ele’”.

Dois anos de relacionamento, três de sofrimento. “Eu fiquei morta, não conseguia trabalhar, não conseguia juntar dinheiro”. Um novo amor para curar um velho, Alexia conheceu outro italiano. Só que com ele não tinha carinho, pegar na mão. Ela queria se sentir amada.

Entre homens e amores. Dinheiro e solidão. Depois de longos 10 anos, decidiu deixar a Europa e voltar para o Brasil. “Eu voltei pra tentar me estruturar, porque eu ficava muito excluída. Então a minha vida até conhecer Belo Horizonte, era muito instável, era muita desilusão, era muita coisa errada”. Só que o recomeço não foi simples. Antes de chegar aonde está, o caminho teve seus desvios.

Voltou em 2014 e foi pra Curitiba. Trabalhou bem, mas lá os homens eram frios. Alexia só queria se sentir viva. Uma amiga disse que ela iria trabalhar bem em Belo Horizonte: “Daí eu falei ‘vou pra essa Minas Gerais ver o que é que tem’”. Veio. Começou trabalhando novamente em um local de apresentação. Todos os dias era uma competição com mais outras garotas para ser escolhida e ganhar o dinheiro do mês. Tanto no Athenas quanto no Fascinação, ela não era a escolha de ninguém. Chegou a ficar uma semana sem trabalhar. “Comecei a entrar numa depressão desgraçada, ninguém me escolhia”.

Da Europa, Alexia teve que chegar nos hotéis sobe e desce da Guaicurus. “Lá não ganhava assim, mal, mas você se regaça. Acho que era 40 reais, 15 minutos. Mas lá não deu certo, graças a Deus. Eu tava arrasada, fiquei tão deprimida. Depois de tudo que eu passei na minha vida, tudo o que eu

tive, pensei em me matar. Comecei a entrar muito em depressão”. O problema não era os lugares, dentro de Alexia as coisas não iam bem. Chegar de volta a sua terra e não ser escolhida, depois de tanto batalhar para ter suas coisas, mexeu com ela.

Dos hotéis, ela foi para um privê que tinha acabado de abrir para trabalhar por duas semanas. Morando com uma moça e sua filha, nos três primeiros dias não deixou o rosto a mostra nas fotos. “Ela pediu. Disse que se eu mostrasse o rosto ela não poderia mais sair comigo, porque a cidade é pequena e todo mundo ia me conhecer. Ela é louca, porque no fim ninguém te conhece. Eu ando de outro jeito, até você entrar em uma conclusão. E meu comportamento não é de prostituta quando eu saio, eu tenho pavor”.

Decidiu mostrar o rosto, era a hora de mostrar a outra face - desta vez não para um tapa. Os clientes foram chegando rapidamente, gostavam de quem mostrava a cara. Ficou duas semanas e trabalhou muito. Então chegou a hora de ir pra São Paulo pra fazer fotos novas e voltar.

A volta foi triunfal. Há dois meses na prostituição de luxo na capital mineira, seu perfil online esconde a idade verdadeira que é de 32 anos. 25 anos, estilo namoradinha. “Tem que mentir. Os homens são bem lesados em toda parte do mundo. Se você colocar 32, a maioria das meninas colocam idade diferente e tem que aproveitar o que você aparenta. Se eu colocar 32 vai parecer que eu tenho 40. Então tem que jogar”. O nome não é de verdade também. Já foi Alexia, Anita, Alicia, Alessandra. Todas com A. Sofrida com a perversidade do mundo por toda a vida, hoje é ela quem joga com as pessoas.

Seu perfil é baseado em coisas que chamem atenção do tipo de cliente que ela quer atrair - executivos, alto nível. Atende em seu flat, o querido teto que ela tanto buscou a vida inteira. Divide com uma amiga que conhece há 14 anos, amigas de adolescência. Ela estava passando um aperto, então Alexia chamou ela pra morar junto e tirar umas fotos. Dakota divide o apartamento, profissão, cumplicidade e histórias.

Com fotos em sites como Bh Models, seus clientes são todos por esse canal. Ligações de manhã, a tarde e de madrugada acontecem. Há dias que fica o dia todo sem trabalhar, mas hoje Alexia fica tranquila porque sabe que logo mais alguém vai aparecer. Tempos difíceis ficaram para trás. Mas pessoas loucas continuam a surgir. A diferença é que a maldade é outra.

Alexia confessa que ficou com medo ao receber minha mensagem para ser entrevistada. Uma vez, a mulher de um cliente a contatou fingindo ser uma agenciadora. Quando chegou, se apresentou como mulher de fulano. Não bateu, não fez barraco, nem nada. Queria entender o motivo do marido procurar uma prostituta. Alexia disse que não sabia, apesar de saber. Dakota, amiga e companheira de apê, sabe muito bem também: “as pessoas acham que é só sexo, mas não é. É uma fantasia, uma conversa, é um detalhe. É o que a gente fala, a gente preenche aquele espaço que as vezes falta dentro de casa. Ontem eu fiquei com um cara, duas horas e o cara só conversou, a gente não fez nada. Ele só queria alguém pra escutar. Eles gostam da sinceridade da gente”.

Tirando até 7 mil em duas semanas, Alexia sabe que não pode escolher a cara do cliente. O que faz é investir no seu perfil e fotos que atraiam homens de alto nível. Mas nem

sempre foi fácil não poder escolher. Uma vez ela atendeu um indiano, já sabia da fama de cheiro ruim deles. Mas quando chegou e o cliente pediu um oral, ela se arrependeu de ter estado lá. “Gente, ele queria que eu fizesse oral nele, o pênis dele tava com crosta de sujeira branca, quando eu olhei aquilo ali eu comecei a ficar com ânsia de vomito. Foi o pior da minha vida”. Quis colocar camisinha, ele não quis. Ele começou a forçar que ela fizesse, até que ela se irritou e xingou o tradutor dele.

Nem tudo é feito por dinheiro. Alexia já teve propostas de fetiches estranhos. Uma vez um cara pediu que ela transasse com um cachorro. “Tem um monte de fetiche que eu não faço. Porque eu acho que esse trabalho mexe com o seu psicológico, tanto que eu me reeduquei pra fazer uma coisa que não fizesse mais mal. Porque você se perde, você fica louca, a maioria das mulheres quer tanto dinheiro que se submetem”. No seu perfil, tem uma lista de fetiches que faz, tudo é combinado antes. Nada de sadomasoquismo ou “banho marrom”.

A prostituição para Alexia é um modo de se sentir bem consigo mesma. “Me sinto uma rainha. Eu não tive sempre auto estima, eu era feia. Eu não gostava de mim, era cheia de espinha, e minha mãe não ajudava. Comecei a ter auto estima quando comecei a trabalhar, e fui pra Itália”. Há clientes que a elogiam. Há outros que são tão bonitos que a vontade dela é de nem cobrar. E há feios que sabem fazer tão bem que a agradecida é ela. Não é porque o sexo é algo rotineiro que o prazer não chega. “Já fiquei excitada em um monte de programa. O orgasmo é uma coisa da sua mente. Tem que deixar se levar”.

Apesar da maior qualidade da profissional é ser amiga, ela muitas vezes, é obrigada a usar do seu pior

defeito para sobreviver em um mundo onde as mulheres não querem ser amiga de prostitutas: humilhar o outro. “Eu adoro amizade, mas aqui a gente sofre bullying, as mulheres nos odeiam”. Em barzinhos, baladas ou na rua, os olhares são preconceituosos a ponto de uma mulher não permitir a entrada dela em uma boate. De chegar um momento que uma mulher dá bala pra uma criança ir até ela e falar sobre sua roupa. “Eu não dou chance pra essas coisas me afetarem, porque eu tenho uma auto defesa incrível. Mas você ouve. Amizade mesmo você sabe que não pode ter tantas. Você vê o preconceito até com quem é amigo, mas na hora de pagar a conta não tem preconceito com meu dinheiro. Isso machuca. Mas eu sou guerreira nessa assunto, não vítima”.

Passado e presente. Alexia busca um futuro que possa lidar com a história que carrega nas costas. Junto da melhoria financeira, ela quis buscar a melhoria dela com ela mesma. “Eu faço tratamento psiquiátrico, porque eu tô numa etapa da minha vida, que é um dos melhores momentos da minha vida”. Ela não quer deixar que nada atrapalhe esse momento que demorou tanto pra chegar. Nem a mente, nem a alma, nem o coração. Chegou a hora em que ela chama de “acertos de contas”. Respirar e expirar é a técnica de encarar o que viveu e colocar para fora as coisas ruins. “Comecei a conversar com meu psiquiatra e ele me mostrou que através da respiração tem como eliminar as coisas que me fizeram no coração e na mente. E eu tô diferente, funciona”. Alexia se sente culpada por muitas coisas que passou, mas a terapia a ajuda a entender que é um crime sem culpados - quase perfeito.

A profissional tinha três pesos para expirar e voltar a respirar bem novamente. Um cara no qual gostava em

Belo Horizonte, que só a sugava. Um ex de São Paulo, para o qual se humilhou para não perdê-lo. E sua mãe, que fez sua vida caminhar em linhas tortas desde o início. “A respiração elimina toxinas e através disso eu tinha como eliminar esse mal. Comecei a trabalhar a respiração, comecei a dormir e quando eu tô mal as vezes eu faço isso, e sai”.

Melhor consigo mesma, hoje só opta por fazer coisas nas quais se sente bem. Correr de manhã. Comer as delícias da vida. Curtir com seus amigos. Aprendeu a não sonhar muito, mas a mente sempre voa mais alto. “Eu já quis ser mãe, casar na igreja. Mas não tenho mais vontade de ter filho por ver o mundo como tá. Muita violência, muito ódio. As vezes eu penso em casar por causa do vestido. No interior, tipo Lavras Novas, naquelas igrejazinhas. Um lugar mágico”. Tantos amores, Alexia quer que o homem que a faça vestir de branco e subir no altar seja aquele moço mágico, que saiba prender sua atenção. Apaixonada de novo, “o que me chamou atenção nele é o fato que eu sou garota e o jeito que ele me tratou sabendo disso. Ele faz amor comigo, ele não exige nada. No momento que ele tá comigo, ele tá comigo. Isso é tudo em homem”.

35 é a idade que a profissional pretende se aposentar, mais três anos na prostituição. Depois disso, a ideia é guardar um dinheiro e talvez voltar pra Europa estudar psicologia. Quer criar uma espécie de refúgio, onde ela possa ajudar as pessoas com auto estima, com as coisas simples da vida. Está entre os desejos também estudar inglês na Irlanda, ter uma casa na sua terra e trabalhar com comida. “Eu não fiz faculdade antes porque eu nunca tive estabilidade. Eu precisava ver o mundo pra me achar. E hoje eu me achei”.

Inspira. Respira. Expira.

Folha vermelha

Folha vermelha

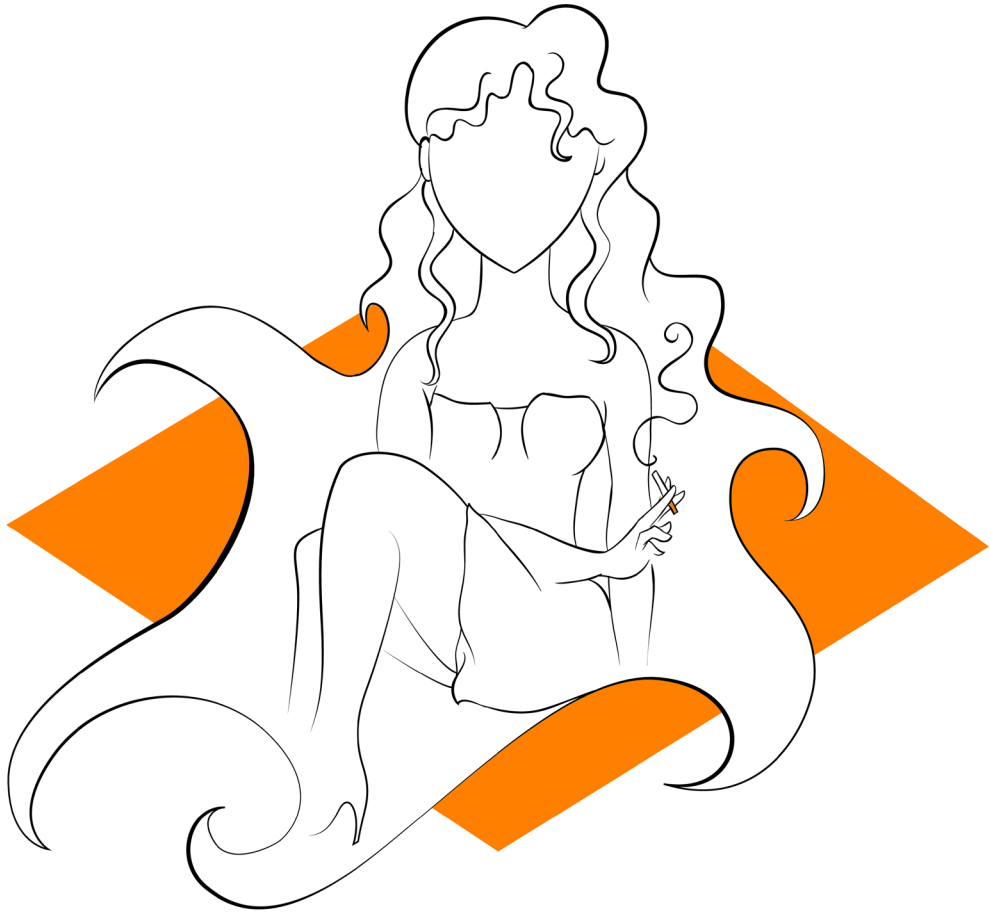
Folha vermelha

Dia 14 de maio foi o dia de encontrar com minha terceira personagem. Lúcia, já era conhecida por mim do primeiro encontro com a Dos Anjos. Só fui entender a relação das duas nessa conversa. Achei que eram amigas, colegas de profissão. Mas Dos Anjos era madrasta de Lúcia. Lá em meados de novembro as duas estavam bem uma com a outra. Neste encontro, nem tanto. Lúcia tinha tanto ódio e rancor pela mulher de seu pai, que eu nem soube o que pensar. O que colocar na história? Como colocar?

Além do sentimento ruim, nossa tarde foi regada de sensações. Lúcia se emocionou ao lembrar do marido que perdeu há anos. Os olhos marejaram ao pensar que algo falta em sua vida. Em um boteco, Rei do Tropeiro, na Praça da Estação, não foram só lágrimas, a ex-profissional não se conteve em dizer que estava muito feliz de passar uma tarde bebendo uma e conversando. Ela nos sentiu como amigas. Entre os horários apertados do dia e filha pra criar, um momento de sentar e falar da vida, rir de quem passa, se tornou um dia feliz da semana.

Com o passar do tempo fomos ficando alegres. A saideira nunca era a saideira. Lúcia queria prolongar o dia, as horas, aquele momento. Eu quis prolongar para que a despreocupação daquele dia não fosse embora para ela.

Com direito à trilha sonora, nosso encontro foi regado de música e história por trás daqueles olhos claros. Shows encantavam a praça por causa da famosa tocha olímpica. Aos 42 anos, em contraste com a vida de tantas perdas e tristeza, tocava alto 'Imagine all the people, living life in peace...".



Lúcia

“Eu sou muito carente, porque alguma coisa me falta ainda, mas eu não sei o que é.”

Algo falta e os olhos verdes viram um tom mais claro. O brilho das lágrimas mostra que dói aonde nem se sabe onde fica. “Imagine todas as pessoas vivendo a vida em paz”. Imagine Lúcia. Viva Lúcia. A trilha sonora perfeita para uma vida nenhum pouco. O entardecer na capital ilumina o rosto da ex-profissional do sexo e lhe conta que a vida não acabou. Há tempo para buscar o que se quer. Há tempo para cervejas, cigarros e risadas.

“Estou muito feliz com essa tarde, Carol!”. Dividida entre trabalhar em um restaurante na Praça da Estação e cuidar da filha pequena, os momentos de lazer acontecem com pouca frequência. Aos 42 anos, coleciona perdas. A primeira veio do marido. Um amor que teve que se despedir cedo demais. “Eu acho que eu nunca superei a morte dele”. Ninguém supera uma vida que se vai. Casou com Edilvan com 18 anos, nova, mas com a certeza que o casamento seria por amor. Alto, branco, olhos verdes e cabelo preto. Se orgulha ao dizer que a primeira filha é a cara do pai. Se emociona ao mostrar fotos dela e ver o marido nos traços mais simples.

Edilvan tinha um problema cardíaco nunca revelado, aos 43 anos o coração parou de bater. O de Lúcia perdeu um pedacinho. “É difícil porque ele foi um marido muito presente”. O amor não morreu, a linhagem não morreu. Antes de ter a primeira filha biológica, Cecília, logo após o casamento, os médicos falaram que ela não poderia ter filhos. O casal queria e pensou em tentar outras alternativas.

Nesse tempo, a irmã de Lúcia estava grávida de um rapaz casado e queria deixar o bebê no hospital. “Então eu e meu marido adotamos ele. Quando ele fez um ano e três meses eu tive a minha filha e por Deus é muito maravilhoso pois me presenteou com quatro filhos lindos”.

No casamento Lúcia teve três filhos: Bruno, Cecília e Maykon. O dois meninos moram com a mãe em Góias e a menina é casada. A mudança para Belo Horizonte não foi por problemas na infância nem com os pais. A falta de dinheiro depois de perder o marido deixou Lúcia sem condições para criar os filhos. Viúva aos 27 anos, o benefício do INSS não saía, estava desempregada, até que uma colega a mostrou uma alternativa. “Como eu sou do estado de Góias, eu falei que lá eu não tinha coragem, porque eu tenho meu irmãos homens, meus filhos. Então ela me chamou pra vir pra Belo Horizonte”.

Seu pai já morava na capital mineira quando Lúcia resolveu mudar. As histórias se cruzam aqui. Seu pai é Ita, marido da Dos Anjos. “Meu medo era por causa da minha mãe de criação. Mas ela falou que Belo Horizonte era muito grande e nem ia saber com o que eu estava trabalhando”. Quando se mudou para BH, ficou na casa deles, mas a relação com a madrasta não desenrolava bem. Acostumada a conviver com Dos Anjos só em certos períodos, como nas férias, o dia a dia não foi fácil para ela.

Ao conhecer Lúcia no dia da primeira entrevista com Dos Anjos, não sabia que tinham essa ligação. A ideia era que fossem amigas que se conheceram na profissão. Aquele dia parecia que as coisas estavam bem. A cerveja relaxava os ânimos. “Nós duas não damos certo. Aquele dia que você encontrou deu certo, porque a gente tava muito tempo longe uma da outra. Mas quando estamos de frente, ela faz

coisas que eu não aceito”. O que as afasta é a fofoca. Lúcia não gosta que falem da sua vida, que inventem coisas. Para ela, é o que a madrasta mais faz - leva e traz.

Lúcia descobriu na zona que a mãe de criação tinha sido prostituta. Um rapaz falou que já tinha sido cliente dela. Apesar do histórico, Dos Anjos não queria que ela se envolvesse com a prostituição. O pai, só assistia as brigas e ficava na dele. Cansada de tantas discussões, a ex-profissional preferiu morar com uma amiga. Também não foi o país das maravilhas. Hoje sonha em morar sozinha, acabar com desentendimentos e o cansaço de conviver com pessoas que tiram sua paz.

O início não foi fácil, mas pouco se lembra do primeiro cliente. A bebida tinha sido sua amiga para deixar acontecer. “No começo foi horrível, chorei muito”. Começou em uma boate na Afonso Pena, Sagitarius, onde o programa valia 150,00 meia hora. Não deu muito certo. Após um tempo o dono colocou travestis para trabalharem lá também. “Os travestis não gostavam muito de mulheres e viviam implicando com a gente. Eles se sentiam superiores”. Em busca da paz de espírito novamente, a nova parada foi nos hotéis sobe e desce da Guaicurus: a zona.

Primeiro no Hotel Brilhante, Lúcia descobriu ali um lugar de muita amizade e apoio. Apesar de não gostar da profissão, o local de trabalho era protetor. Durante 1 anos e 8 meses nesse hotel, ela trabalhava 23 dias e folgava 15 para visitar a família em Goiás. Depois conheceu o Hotel Rio Branco.

“Eu nunca gostei da profissão, porque quando eu entrei tinha um rapaz, Jairo, ele falou ‘não deixa isso entrar no seu sangue não, porque se você deixar entrar no seu sangue você nunca vai sair daqui’”. Tem o lado amigo e

confiável, mas também tem o lado das drogas. Lúcia nunca usou drogas, mas bebia bastante. Tinha cliente que chegava e só queria beber o dia todo - não queria sexo - queria passar uma tarde conversando. Tinha dias que chegava bêbada em casa, porque ficava lá e não comia direito.

Em um quarto todo rosa, em sua época, o mínimo que podiam cobrar era 20,00 uns 15 minutos de programa. Tinha alguns que pagavam mais, dependia da sorte do cliente. Mas a profissional podia recusar se não quisesse fazer pelo valor base. Ou se o cliente oferecesse menos. “Até porque se os donos dos hotéis souberem que você tá fazendo por menos, eles te mandam embora. Mas muitas fazem, outras não”. Para Lúcia, que sempre se sentiu segura e protegida ali, não existia o medo de alguns homens. Ela assustava as vezes com alguns fetiches, mas dependendo do valor, ela encarava. Envergonhada, ela conta que tinha um rapaz que gostava que ela o cortasse. “Ele foi criado em fazenda e gostava que cortasse o testículo dele com canivete. Ele já levava o canivete super amolado. Depois o quarto ficava aquela bagunça e sangue”. Tinha outro que adorava que ela fizesse xixi nele, eles nem transavam, era só o fetiche.

De 15 a 20 clientes por dia, usava gel, lubrificante e xilocaína para amortecer a região e não sentir dores. No entra e sai, preferia não fazer anal, para a profissional eles pagavam muito pouco. Com a média de muitos homens diariamente, Lúcia já ficou excitada em alguns programas: “tem que aproveitar as vezes”. Nunca se apaixonou perdidamente por um cliente, mas já teve um sentimento por um que a tratava bem. João a ajudou muito durante o tempo de prostituição. “Senti um sentimento diferente, mas não foi amor”. Foi o bastante para confiar no rapaz e fazer

sexo sem camisinha. Com ele não tinha medo de pegar nenhuma doença.

Durante sua vida na prostituição, Lúcia foi marcada por outro personagem. Desta vez diferente de tudo que tinha visto e experimentado. Não foi amor, mas também foi algo significativo para ela. Um cliente conhecido uma vez a chamou para ir em sua casa. Ao chegar, sua mulher estava lá: “Eu desci do salto!”. A mulher pediu calma e disse: “não precisa ter medo, ele não vai fazer nada com você, somente eu, ele não te explicou?”. Não tinha explicado nada - a prostituta que era acostumada a lidar com muitos tipos de cliente, se viu perdida. “Como é que eu faço?”, “deixa que eu te ensino”. O combinado tinha sido 180,00 reais, na hora a mulher entregou 500,00 com a condição de ser exclusiva. Quatro meses se passaram de um tratamento que Lúcia nunca tinha tido. “É uma curiosidade, é, só que você se apegou a mulher também. E eu já não estava interessando mais pra ficar com homem. Eu já estava gostando do jeito dela me tratar. Nesses quatro meses eu ganhei amor, atenção, mas ela não me deixava pra nada”. Sentindo uma relação possessiva na qual era comprada com presentes caros e passeios chiques, um funcionário da mulher a alertou: “Você está se envolvendo com a pessoa errada, ela te mata por amor. Ela já bateu em várias mulheres, porque quando ela se envolve ela é possessiva, e o marido dela não tem poder sobre ela”. Com medo do que poderia acontecer, Lúcia viajou para Goiás e ficou um tempo por lá para ser esquecida pela mulher.

Apesar de quase ninguém saber da profissão que exercia, pois lá dentro do hotel ela só via quem queria, Dos Anjos acabou descobrindo. Como a mãe de criação sempre estava pela zona, logo chegaram aos seus ouvidos que a filha

era prostituta. Apesar de ter sido também garota de programa, a mãe não aceitava que ela fosse. “Quando ela descobriu, ela vivia fazendo escândalo, me xingando, e eu resolvi sair”.

No discurso da mãe, ela gostava de ser prostituta. O fato de Lúcia ser sem realmente gostar incomodava. A relação, que já tinha sido conturbada, piorou. Não só pelo fato da mãe brigar e fazer escândalos, tempos depois, ela pegou em uma parte mais sensível para Lúcia: um grande amor.

Após deixar a profissão, a ex-profissional conheceu Anderson. Em um restaurante que trabalhava na época, foram ficando, amigando e até chegaram a ter uma união estável. Com ele que teve a filha caçula, Bárbara, de 6 anos. Por 7 anos juntos, um dia Dos Anjos contou para ele que Lúcia tinha sido prostituta. A relação acabou ali. A confiança foi quebrada e o que sustentava a base do relacionamento se perdeu sem volta. Foi ali também que a relação mãe e filha, que já era amarrada por um laço frouxo, se soltou. Lúcia carrega até hoje um rancor da mãe de criação ter tirado seu marido por fofoca.

“Ainda gosto muito dele. Eu não tentei ficar com ele de novo porque meu orgulho é maior”. Ele já tentou ficar com ela de novo, lhe chamou para um motel, mas desta forma Lúcia se sentia igual quando era garota de programa. Sendo chamada para um sexo e nada mais. O respeito tinha se perdido. Quando ele se vai, poucas coisas ficam.

Quando nos encontramos pela primeira vez, ela mostrava foto do pai de sua filha. Loiro, alto, dos olhos claros - o tipo de homem que sempre chamou sua atenção. Muito parecido com Bárbara, o olhar demonstrava orgulho de mostrar um homem que amou - ama. “Acho que a gente

não volta, não sei, já faz dois anos que terminamos. Eu não interesse por outro homem também. Fiquei com um rapaz dois meses, e me senti suja. Eu não tinha ficado com outra pessoa depois dele, foi o primeiro, me senti suja. Então eu não quero. Não tenho vontade de casar de novo. Eu amei demais ele.”

Bárbara é o que resta do amor que não durou. Olhos claros e loirinha como o pai, ela é a lembrança de tempos bons. De tantas perdas, o melhor é se dedicar aos ganhos. Sempre de família grande, viveu a vida com 9 irmãos - 4 homens e 5 mulheres. Contando com os irmãos que tem em Goiás e em BH, o destino tirou dois deles. O mais velho da capital mineira foi baleado. O caçula goiano sofreu um acidente de moto. Os olhos verdes se tornam um tom mais claro novamente, a lembrança da família que se foi - dói. Dói mais ainda ao lembrar que após um dos irmãos ser baleado, Dos Anjos falou para os policiais que ele usava droga. “Eu conhecia ele, sabia que ele não usava. E ela inventou isso”. O perdão nunca vem. A desculpa nunca aparece.

Apesar dos conflitos com a mãe de criação, com a mãe biológica a relação é diferente: sempre foi boa. Com o pai também nunca teve o que reclamar. Teve um infância tranquila e bem cuidada. Os pais biológicos nunca souberam da profissão que exerceu, nem seus filhos. A informação não era necessária em meio à uma relação que tinha sido bem construída. O medo de não ser aceita novamente por revelar a verdade sempre irá continuar.

Lúcia sente falta de seus filhos que ficaram em Goiás o tempo todo. Mantém uma relação por telefone todos os dias. Antes ela conseguia ir visitá-los sempre, até Bárbara já foi junto algumas vezes. Mas hoje trabalha com carteira assinada, então só depois de um ano poderá tirar férias.

A vontade de voltar para a capital goiana é grande, mas seus planos são terminar os estudos antes. Na escola, parou no 2º colégio e a ideia é fazer um supletivo para depois poder fazer um técnico em enfermagem. Para a ex-profissional, em Belo Horizonte é mais fácil pois para fazer o supletivo em Goiás ela ficaria 2 anos e aqui em 4 meses termina.

O sonho de ser enfermeira vem há tempos. A ideia de poder cuidar dos outros, em contraste que não pôde cuidar de sua vó quando estava muito doente, é o gás que alimenta para não desistir do que acredita. “Ela faleceu rápido e eu não podia fazer nada. Eu estava grávida dessa menina e minha vó tava internada em Goiânia. No último dia, ela pôs a mão na minha barriga e disse: ‘vai ser uma linda menina’ e riu, mas riu tanto. Eu não sabia o sexo da minha filha ainda e ela ria tão bonito. Aí eu não pude cuidar dela do jeito que eu queria, mas eu vou cuidar de outras pessoas”. O olhos novamente mudam a tonalidade. A emoção troca as cores de Lúcia, que já foi tantos tons de verde na paleta da vida.

O lazer de Lúcia hoje é passar um tempo com sua filha. A cervejinha faz parte de dar um respiro da vida e descansar. A auto estima continua boa, apesar de lembrar que na prostituição se cuidava mais. “A prostituição me fazia me sentir bem comigo mesma porque apesar de tudo da profissão, lá dentro eu era muito apoiada, muito amada. Então eu sinto falta é das amizades que eu tinha, mas não sinto falta de trabalhar lá”.

Hoje se considera feliz, apesar da pergunta intimidar. O pensamento parou por alguns segundos. Como é que se tem certeza da felicidade? Lúcia é feliz as vezes, porque sabe que é um estado passageiro. Não é mais nem

menos feliz que na época que se prostituía. Está em uma constante busca de sorrisos. Para isso utiliza da música. Belchior, Raul Seixas e Zé Ramalho são seus companheiros de boas canções.

Imagine Lúcia! Viva Lúcia! Não diga que a canção está perdida...

Folha vermelha

Folha vermelha

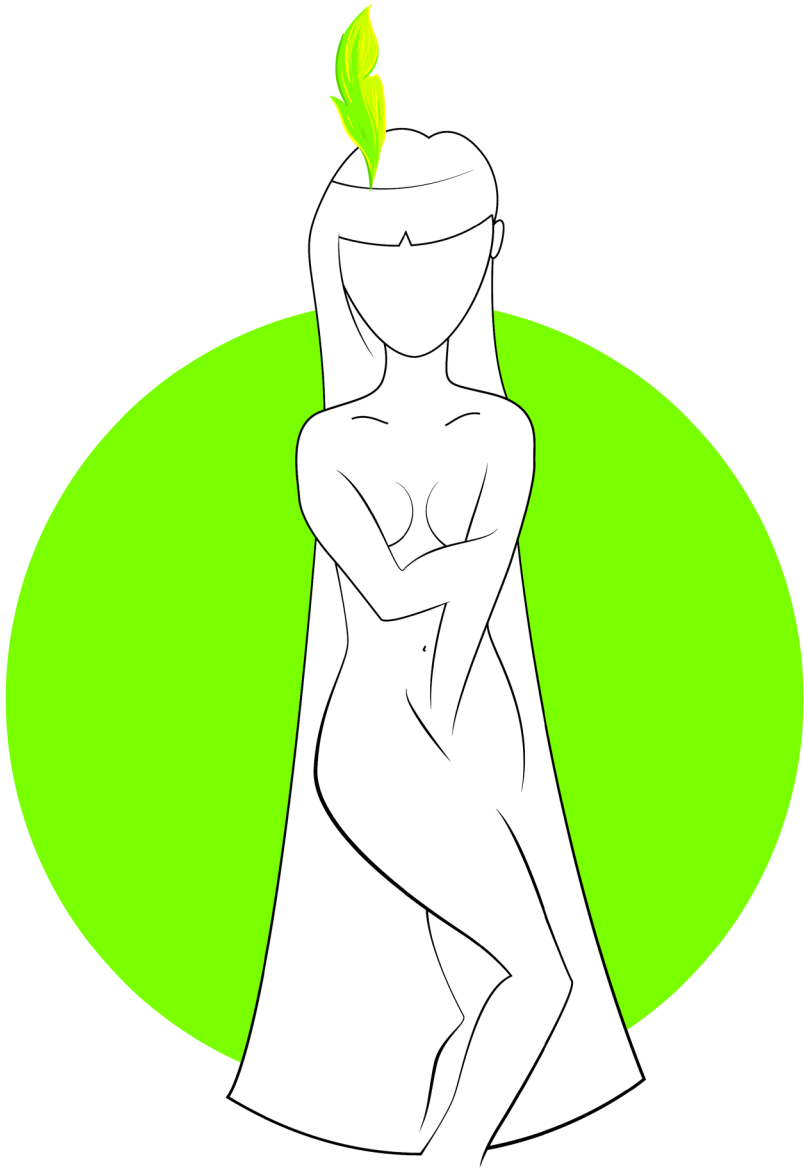
Dakota era possivelmente minha última personagem. Durante um mês tentamos nos encontrar. Com a agenda cheia, ligações o dia todo, o encontro foi difícil. Mas, na segunda-feira, 27 de junho, às 13h30, após andar pela rua Tomé de Souza até o número 406, cheguei em seu apartamento no bairro Savassi. Com roupa de ginástica e um novo corte de cabelo, ela me recebeu com um sorriso aberto. Morena, meio jambo meio índia, tinha mudado o nome profissional, de Dakota para Tainá - justo.

Já na porta ela me avisou que não poderíamos conversar dentro do apartamento. Um cliente tinha acabado de ligar para uma de suas amigas. Subi rapidamente só para usar o banheiro. O novo lugar era maior. De um flat, ela, Alexia e mais uma companheira, estavam melhorando a condição financeira. A ruiva, como chamava a outra amiga, estava de lingerie sensual e bem maquiada - à espera do cliente. Alexia estava com roupa de ficar em casa, o dia estava tranquilo pra ela. Fomos para a área de churrasco com piscina para ficarmos confortáveis e a sós.

O ambiente era de luxo, como o trabalho dela. Sentadas frente a frente, ela abriu seu mundo para mim. O roteiro de perguntas ficou de lado, sua história falava por si - e que vida! Sua energia era forte, alguém espiritual e sensitiva. Ao ouvir tudo sobre sua vida, o cenário se pintou em uma imagem perfeita em minha mente. Detalhes não lhe faltava a memória.

Durante nossa conversa, o celular não parava de vibrar. “É a hora do jogo” - ela explicava. Nesses horários, os maridos falam para suas mulheres que vão assistir jogo com os amigos, e é nesse momento que a profissional mais trabalha. Mas todas as ligações foram deixadas de lado, pois Dakota queria contar por tudo o que tinha passado para

chegar até ali. Queria ser ouvida. Ouvi com atenção. Três horas se passaram e ainda tinha mais para se saber. Com a maior entrevista de todas as outras, o material valia ouro.



Dakota

“Eu me olhava no espelho e via uma sensualidade e tinha uma visão das coisas. Sabia que eu podia conseguir tudo o que eu quisesse usando esse lado”.

Cor de jambo, cabelos pretos - estilo índia. Dakota é linda e sabe disso. Sua principal arma é a autoconfiança, sempre carregada de balas de prata. Poucos são os que tem colete à prova da sensualidade e personalidade forte da profissional. Por trás da pose, há energias, sensibilidade e uma trajetória cheia de esquinas que se viraram sem que se quisesse virar. As vezes parou nas esquinas, às vezes atravessou a rua. Hoje está em um apartamento bom no bairro Savassi. Vê de cima sua vida que em muitas horas a colocou para baixo.

Há seis anos pratica a lei do universo, conhecida como lei da atração. “Depois disso tudo, como adulta, eu entendo que tudo faz sentido”. Tudo faz sentido agora, mas por muito tempo não fez. Seu ambiente foi de amor por muito tempo - pobre mas feliz. “Não tanto pelo meu pai, mas pela minha mãe e uma super proteção que eu não entendia”. Apesar de ter tido mais 5 irmãos, era ela quem tinha mais apego com a mãe. Mais velha de todos, sua existência chegou logo depois da mãe perder um filho aos nove meses de gravidez. Seu pai, à espera de um homem na família, a criou do mesmo jeito como se tivesse nascido um menino. “Eu acho que ele queria um menino, não veio um, mas ele me criou da mesma forma. Ele me preparou pro mundo como um homem. Então a minha visão é de homem de tudo. Eu sou totalmente predadora, realista. As meninas choram e

eu não consigo. Eu fico bloqueada, tenho uma ideia totalmente masculina. Mas não é que eu não tenho coração, mas eu vejo o lado lógico das coisas”.

A relação com o pai nunca foi boa. Coisa que ela só foi entender aos 25 anos. Na idade mais madura, teve cara para perguntar para o pai o porque dele sempre ter maltratado ela. “Você é minha filha de coração”. Ali entendeu a super proteção da mãe a vida inteira e a falta do sobrenome do pai no nome. A vontade é saber de quem é filha biológica. Mas ninguém conta.

Além do tratamento ríspido do pai, a perda da confiança paterna começou quando ela tinha 11 anos e ele viajou por um ano sem dar notícias. Peixeiro, a desculpa era que ia trabalhar em embarcações. Nem notícias dele nem o dinheiro chegava a cada mês, foi uma época de miséria na família. A mãe ia para feira pegar o resto e Dakota ia para a igreja pedir comida. “Eu sempre tive o dom da palavra, sempre fui muito comunicativa com as pessoas, nunca tive problema e não tenho até hoje, eu ia pra igreja e explicava a situação e ganhava cesta básica, roupa, foi um período de miséria”. Para sustentar a família, a mãe trabalhava em obras como pedreira, “chegava suja de cimento, mas não faltava aquele laço de amor”.

Passado o ano, o pai voltou com pouco dinheiro e alguns presentes para reconquistar o amor. Para Dakota, esse amor jamais seria comprado de volta. O ambiente tinha mudado, a harmonia tinha acabado. Brigas eram frequentes e a confiança tinha se perdido no tempo. Além do abandono, Dakota, mesmo nova, desconfiava de uma traição do pai com uma amiga da mãe. “Eu via a forma que ela olhava pro meu pai e como ele falava com ela, e minha mãe nunca tava junto. Eu sempre peguei as coisas no ar. Eu queria ter

chegado na minha mãe e falado, mas 12 anos, eu não sabia o que fazer”.

A mulher, que frequentava o centro de Umbanda, um dia chamou a mãe de Dakota para participar. Nessa noite, tudo mudou. Com o filho de colo, quando a mãe voltou do centro, era outra pessoa. Da sua beliche, Dakota viu algo que só entende hoje, mais velha e com mais conhecimento sobre o mundo. A mãe entrou na casa e pegou uma faca grande. Foi até a cama do marido e apontou o braço pra atacar. Na hora do ataque, a filha que assistia tudo, gritou para impedir. “Ela olhou, soltou a faca, meu pai dormindo do mesmo jeito e ela ficou olhando para os lados sem saber o que tava acontecendo. Aquele dia eu vi uma coisa, que eu comecei a acreditar no espiritismo, no outro lado. Porque ela estava incorporada, eu vi com meus próprios olhos”. Dakota não conversou com ela naquela época, tempos depois que a mãe contou que lá no centro falaram pra ela que o marido a estava traindo e que ele tinha que pagar com a vida - isso é tudo que resta em sua memória.

Depois desse dia, a mãe começou a beber. Nunca bebia nada e de um dia para o outro, começou a tomar 3 a 4 litros de pinga - se transformou. A mais velha dos filhos, aprendeu a lavar, passar, cozinha, cuidar do irmão que era pequeno e levar a irmã para escola. O alcoolismo desestruturou a família que já não estava bem. A mãe andava pelada pela casa enquanto todos viam. Ia pra reunião da escola cheirando cachaça. A vergonha para Dakota aumentava a cada gole de pinga. Machucados pelo corpo surgiam a cada vez que ela tentava privar a mãe da dose do dia. “Essas marcas que tenho no braço é tudo garrafa que eu pegava e jogava fora e ela vinha como um bicho e grudava em mim, ela tinha uma unha grande e

arrancava pele”. Apesar disso tudo, a filha não conseguia ter ódio da mãe. Entendia a situação e só chorava. Depois de um tempo a mãe caía em si e pedia perdão. “Isso era uma coisa muito confusa, porque era minha mãe e não era. Era incrível, porque acho que tinha esse lado do espiritismo. Ela bebia 3 garrafas, virava, logo a fisionomia dela mudava, eu me lembro que ela estava bonita e ia transformando e transformando, e de repente ela virava a cara e já não era ela”. Enquanto isso, o pai não tentava ajudar, só brigava com a mulher.

Dois anos se passaram de muita bebida e um dia a mãe disse para Dakota: “Eu vou parar de beber. Do mesmo jeito que eu comecei a beber, eu vou parar. Essa é minha última garrafa”. E realmente foi. Dakota teve de volta a mãe dedicada e carinhosa que tinha perdido naqueles anos.

A relação não tinha morrido, só adormecido. Até porque a relação de amor das duas era mais que materno, era interligado por um tipo de dom passado de mãe para filha. Dakota afirmava não falar desse tipo de coisa com ninguém, pois as pessoas não entendiam ou riam disso. Eu entendi. Compartilhávamos de mesmas crenças e energias. “Sou uma pessoa totalmente sensitiva igual minha mãe, em todos os sentidos. Eu não vejo nada, mas eu escuto, meu sexto sentido é muito apurado. É muito louco isso, eu olho um copo e você tá perto, me vem um flash que você vai bater nele e vai quebrar. Logo depois você vai bater a mão e quebrar o copo. Eu tenho um flash da situação antes dela acontecer e é muito estranho, como uma premonição”. A mãe sempre sentia quando a filha não deveria sair. Geralmente Dakota escutava, a única vez que resolveu desafiar, levou uma surra de uma garota sem motivo.

Nessa época sua mãe já tinha todos os filhos. Tinha tido os gêmeos e depois teve outra menina. No total: Dakota, um irmão, os gêmeos e duas irmãs. A última filha nasceu com síndrome de down, acredita-se que por toda a bebida que tinha consumido nos anos anteriores. Mas a felicidade durou pouco, logo após o nascimento dessa filha, a mãe adoeceu. Uns dizem que foi pela gestação porque ela já tinha 40 anos, uns que foi pela bebida e outros que foi um mix disso tudo. Não se sabe exatamente o que foi, mas ela sofria com a dor e chorava muito. Foi um novo momento difícil, além de ver o sofrimento da mãe, era perder mais uma vez o ambiente tranquilo que tinha reconquistado há pouco.

O “dom” mais uma vez volta. Um dia, sua mãe a chamou para falar: “Eu não tô legal, tô muito doente, eu vou morrer. Tem a Laís, que tem síndrome de down, só que você já sofreu muito nessa vida, e se eu morrer, eu levo ela comigo. Você não vai sofrer mais, só me faça um favor, cuide dos seus irmãos, aconteça o que acontecer não abandona eles, quero que você eduque e dê uma direção pra eles”. Dakota não queria acreditar, apesar de saber que isso aconteceria.

Sua mãe foi pra casa da irmã para os filhos não assistirem seu sofrimento. Em uma terça-feira, logo depois do fim de semana do dia das mães, Dakota estava na aula. Viu a cortina se mexer e sentiu um vulto passando. Bateu a cortina, olhou para a claridade, sentiu um negócio. Cinco minutos depois a chamaram. “Eu já sabia o que tinha acontecido, foi como se ela tivesse passado ali”.

A reação foi de estado de choque, no velório mal conseguiu chorar. “Eu nunca fui uma pessoa de chorar, depois de tudo isso que aconteceu, eu bloqueei o choro completamente, qualquer estado de sentimento da vida. E

hoje eu venho descobrindo o porque disso”. Diferentemente de Lúcia, que era pura emoção, Dakota contava toda essa história cheia de tristeza e dor com a expressão normal. Os olhos não chegaram a marejar nem a voz a fraquejar. Bloqueou.

Apesar de querer desacreditar da morte, na noite do enterro a mãe foi até seus sonhos para falar com ela. Já morta, ela sentou na sua cama e mexeu em seu cabelo. “Eu sempre dormia no canto da parede e ela atrás, e ela falou assim: ‘você vai vencer, vai sofrer muito, mas vai vencer’. Eu lembro dela mexendo no meu cabelo, conversando comigo, eu abri o olho e ela não tava mais”. Por muito tempo os sonhos foram o portal para encontrar a mãe. Dakota sente que não conseguia deixar sua mãe ir e, por sua causa, seu sofrimento e amor incondicional, a mantém presa nesse mundo. “Até hoje eu tenho uma ligação muito forte com ela, assim, eu aceito, só que o problema de não deixar ela passar, sou eu”. Dakota se culpou, culpou a mãe por muitas coisas de muitos anos da sua vida. “Porque foram muitas coisas que aconteceram e eu ficava pensando se ela tivesse na minha vida, se tudo teria acontecido de outro jeito. Algumas coisas boas me lembram a minha mãe. Algumas ruins, eu lembro dela também. Como apagar uma pessoa que só te deu amor? Eu preciso porque eu sei que bloqueio ela completamente deste mundo para o outro”. Certas coisas levam tempo. Mas agora, com 30 anos, que entende melhor sobre a vida e também sobre seu lado espiritual, quer desenvolver isso para deixar a mãe ir.

Como prometido, logo após a mãe ir, levou a irmã mais nova junto. Um dia o pai estava amamentando a bebê e ela se engasgou com o leite. Foi internada e dois dias depois faleceu do nada. “Eu lembro da menina me olhar com um

olhar, que assim, ela me olhou se despedindo mesmo. São coisas que acontecem que quando você tem um conhecimento, você é mais espírita, você acredita, que você vem a entender de uma forma diferente”.

Aos 15 anos, depois de tantas despedidas, a vida virou do avesso. Era hora de dividir os filhos e se despedir também da memória de quem costumava ser. O pai não daria conta de ficar com todos e criá-los. Ficou por conta de trabalhar e sustentar dando um mesada mensal para os parentes que ficaram com os filhos. Um tio escolheu Dakota e sua irmã para morarem com ele. Primeiro levou a irmã e depois de uns dias a pegou. No caminho, parou em um casarão abandonado que tinha perto de sua casa - ela já sabia o que ele queria fazer. “Desce do carro e tira a roupa” - ele disse pegando em seu pescoço. “Não”. “Como não?” - dessa vez um tapa na cara. “Se você fizer o que você tá pensando, você me mata, porque se eu sobreviver eu vou contar para sua mulher, sua filha. Porque eu não tenho nada a perder, a pessoa que eu mais amei no mundo acabou de morrer, você sabe disso”. Outra arma de Dakota eram as palavras. Ele não fez nada. “Se você abrir a boca pra sua tia, eu mato seu pai e todo mundo”. Até hoje ela não sabe se aconteceu a mesma coisa com sua irmã. Ao tentar conversar com ela, ela chora. “Eu acho que com ela ele tentou ou molestou de alguma forma. E é sempre em um momento vulnerável, você vê que é sempre assim. A pessoa espera sempre essa oportunidade, não é um momento que você tá feliz”.

Não deu certo na casa dessa tia, não era o lugar. Foi para outra tia, também não deu - qual é o seu lugar? A última tia a fez de empregada e babá dos filhos. Dakota tinha que acordar cedo, fazer tudo da casa, levar os filhos na

escola. Não podia sair de casa e nem usar roupas bonitas. Além da escravidão, era humilhada gratuitamente. A tia xingava ela e a mãe. Aquilo não podia continuar. Um dia conseguiu passar pelo porteiro e foi embora para nunca mais voltar.

A ideia era juntar a família. A irmã estava com outra tia. O irmão na praia com familiares. Os gêmeos é algo que foi apagado de sua memória. Cada um em um canto. Cada um tentando sobreviver a uma vida sem a mãe que era o laço que juntava todos. De São Paulo capital, o novo ponto de parada foi na casa de uma amiga de sua mãe em Itaquaquecetuba, na grande São Paulo. “Ela falou que eu podia ficar lá e ninguém ia me tirar dali. Eu a tenho como mãe, porque ela me acolheu. Só que naquela época eu era muito perturbada por tudo que tinha acontecido na minha vida, sentia saudade dos irmãos”.

Dos 15 para 16 anos Dakota achou um remédio para sua perturbação. Diariamente sonhando com sua mãe, dormir não era o ponto alto do dia - era pesadelo. Conheceu um garoto mais velho que lhe apresentou a cocaína. “Comecei a sair com ele pra cheirar, porque eu não queria dormir, se eu dormisse eu sonhava com minha mãe”. Nessa mesma época seu pai descobriu onde ela estava e a levou de volta para morar com ele e os gêmeos. Fazia tudo o que precisava na casa, mas também cheirava muito. No começo o garoto com quem saía, dava para ela. Com o tempo, começou a roubar dinheiro do pai para suprir o vício. “Eu não dormia, eu vegetava, eu pesava 45 quilos, usava 34”.

Naquele tempo, Dakota se viu fazendo muitas coisas que não entendia e nem sabia se queria. Uma amiga namorava um garoto e sem entender o porquê, ele dava presentes para ela. “Ele conseguiu fazer minha cabeça em

um momento mais fraco”. Um dia foram dar uma volta de carro e ele a agarrou. Pegou a força e a penetrou. “Eu posso dizer que ele me estuprou dentro do carro. Eu lembro que olhei pro carro e tava tudo sangrando”. Sua virgindade foi embora assim: não foi com o cara que ela gostava, não teve conto de fadas, não teve nada - tudo diferente do que ela tinha imaginado.

Mesmo depois do que fez, ele voltou a procurá-la. Uma jovem perdida, que hoje nem sabe dizer o por quê, voltou a falar com ele. Ele começou a ajudá-la, dava dinheiro pra comprar as coisas da casa, para as drogas, a levava para lugares caros. Sua primeira forma de prostituição começou ali, sem ela nem perceber. “Ele falava: eu vou te dar tanto mas você vai transar comigo e um amigo meu vai ver, e eu ia. Se houve a perversão, foi esse cara que colocou em mim. Eu não conseguia ver, ao mesmo tempo que eu percebia a situação e ficava chateada, eu gostava. Eu não tinha equilíbrio da situação. Eu ficava confusa, eu gostou ou não gosto?”. Ali descobriu seus dois lados mais nitidamente: a da pessoa inteligente e séria e outro pervertida de alguma forma. “Eu me olhava no espelho e via uma sensualidade e tinha uma visão das coisas. Sabia que eu podia conseguir tudo o que eu quisesse usando esse lado”. A amiga descobriu da traição com o tempo, deu o troco em forma de um tapa na cara. Até hoje Dakota carrega uma cicatriz no rosto desse dia. Era hora de acabar com o relacionamento doentio.

O vício pedia mais dinheiro. A droga que a levava para um mundo, que a dor da perda da mãe não existia, não era de graça. Sem um homem que bancasse sua dependência, a prostituição da forma mais conhecida foi a opção encontrada por ela: vender o corpo nas ruas. Uma

travesti que conhecia do bairro a levou para trabalhar. Na capital paulista, em frente ao Sírío Libanês, carros iam e vinham - muitos paravam. Dakota faturou um bom dinheiro. Conseguia sustentar a casa e seu vício. “Mas eu era muito drogada, até que eu pedi ‘Deus, me tira dessa vida por favor’. Eu só queria alguém que me tirasse daquela vida”. 20 minutos se passaram, o pedido chegou em forma de um homem francês. O moço lhe chamou pra ir no apartamento dele, ela cobrou 500,00 reais e ele aceitou. “Depois desse dia, esse cara começou a me procurar todos os dias, falar comigo”.

No auge dos programas, Dakota tinha largado a casa do pai para morar na república da travesti que conhecia. Morando apenas com travestis, havia companheiras que não gostavam da presença da profissional lá. Inveja que virou raiva, raiva que mandou um homem matar. No carro com um cara, Dakota percebeu que ele queria fazer alguma coisa com ela. “Só que o dom pra conversar que eu sempre tive, eu consegui dobrar o cara. Ele me falou que tinham mandado me matar mas que ele não conseguia fazer isso, que não via maldade em mim”. As palavras salvaram a prostituta mais uma vez. Chegou na casa e contou pra travesti dona da república o que tinha acontecido. “Aqui dentro a gente tem regras, você vai ter que repreender ela, se não, eu vou repreender você” - disse. “Aquele dia eu cheirei loucamente, no que ela chegou pra falar comigo, eu arrebentei ela de um jeito. Eu bati tanto nela, e naquele êxtase, eu tive uma overdose”. Apenas se lembra de acordar e ser informada que ficou quase dois dias em coma. As colegas de casa não a levaram paro hospital porque ela era menor de idade. “Em coma, com overdose, menor de idade, vai pra onde?”.

No dia que Dakota acordou, o francês lhe procurou e propôs para morar com ele. Sem nada a perder, ela foi. Tinha entendido que ele era a tal salvação que tinha pedido as céus. Das ruas para um duplex, a prostituição de alguma forma continuou, só que de outra forma. Ele ficava na suíte e ela em um quarto. Ela se sentia na obrigação de cozinhar e fazer afazeres domésticos, apesar de ter uma empregada. Queria retribuir o favor de algum jeito. Ele dava dinheiro, pagou seus estudos, ajudava a sustentar seus irmãos, dava tudo. Ela, estava ali para afagar as necessidades que fossem.

Na época achava justa a troca, mas vendo de longe, hoje ela sabe que se tratava de um relação de pedofilia. Ele tinha 60 anos, ela 17. Nem um momento ele forçou alguma coisa, mas ela não era ciente de que era mais que sexo por dinheiro, era algo maior, se tratava de um crime. “Hoje eu sei que só foi viável pra ele me ter na minha adolescência, que eu era toda pequenininha, toda mirrada, parecia uma criança. Daí depois maior, que você faz um filtro da sua vida, eu sei que ele era um pedófilo, essa era a realidade. Mas você encontra uma pessoa que te dá tudo, você não tem mais vida. Você pode falar ‘não quero transar’, mas você vai ter que fazer porque a pessoa está te dando tudo”. Dakota suportou até os 19 anos porque valeu a pena no momento. Todo o conhecimento, melhores lugares, restaurantes, bares, hotéis, viagens, postura, ela deve a ele.

Nos anos de relacionamento com o francês, ele ficava seis meses no Brasil e seis na França. Os seis meses que ele estava presente era só ela e ele. Mas na outra metade do ano, ela fazia o que queria: namorava, saía, se divertia. Em um desses seis meses de liberdade, Dakota reencontrou a amiga que tinha traído com o namorado. “Ela veio falar comigo, tratei ela normalmente. Só sei que a gente

voltou a se falar”. Retomada a amizade, um dia a amiga lhe chamou para uma festa e lá conheceu quem iria mostrar o amor e amolecer o coração da profissional. Rômulo, sobrinho da amiga, se apaixonou por Dakota a primeiro olhar. Combinaram de sair, foram se conhecendo, ficando... até que se envolveu da cabeça aos pés. “Só que foi uma coisa diferente, eu não sabia o que era um namoro, ficar com os amigos e ele me mostrou toda essa parte. Ele não era pobre, mas era classe média. Comecei a gostar do que ele me mostrou e queria largar o luxo pra viver no lixo, mas feliz. Me trouxe uma recordação de quando eu morava com minha mãe e outras coisas”.

Os seis meses tiveram seu fim e o francês voltou. Apaixonada mas ciente do que perderia ao deixar o luxo, ela tinha apostado com o francês em um jogo do Brasil contra a França, que se o Brasil ganhasse eles morariam no Brasil e, ao contrário, morariam na França. Brasil perdeu. Dakota perdeu. Era hora de contar para Rômulo. Ele sabia do relacionamento com o francês, mas não sabia o por quê e como. A resposta foi simples: “eu não sou rico, eu não tenho nada, mas a gente pode aprender juntos, vamos ser felizes”. Ele chorou e ali de alguma forma tocou seu coração de pedra. “Ele chorou com pureza, de um jeito que conseguiu me comover, e eu fiquei, fiquei por ele. Eu descobri que queria ficar ali por causa do Rômulo”. Apesar de deixar o francês, o dinheiro não foi embora junto. Dakota guardava dinheiro enquanto estava com ele e ainda assim, ele deu um quantia boa para ela quando se separaram.

Depois de ter todos os relacionamentos baseados em dinheiro ou algum tipo de troca, Dakota tinha encontrado alguém que queria completá-la. Sem troca, sem justiça. O amor é justo? Nunca. “Eu posso te dizer que ele me

mostrou outro lado que eu não conhecia na minha infância. Eu tive tudo com esse rapaz, ele me mostrou muitas coisas”. Um novo tipo de relacionamento pedia sinceridade desde o início. A amiga, que era tia de Rômulo, tinha visto Dakota nos tempos em que se prostituía nas ruas. Contou para toda família - a hora da vingança. Sabendo que Rômulo provavelmente já sabia, resolveu contar antes: “Eu fazia isso, isso e isso, sua tia me viu, foi onde eu conheci essa pessoa que vou me separar dela por você, e de você eu só exijo respeito, mais nada. Se você me prometer seu respeito a gente vai ser muito feliz. Estou sendo sincera com você porque eu quero um relacionamento aberto, feliz, eu só quero a felicidade” - e ele lhe prometeu isso.

Com essa promessa, viveu seus primeiros cinco anos ao lado dele de forma maravilhosa. Ainda com um bloqueio para o amor e realmente se permitir gostar de alguém, conseguiu tirar seu escudo após esses cinco anos. “Só que depois desses cinco anos, inverteu, eu comecei a gostar dele e sei que ele foi desistindo de mim. Aí eu comecei a sofrer porque eu descobri o que era o amor. A gente era feliz, eu amei ele de uma forma que era loucura. Acho que todo o amor que eu nunca tinha distribuído pra ninguém, eu coloquei nesse rapaz, eu sufoquei ele”. Quando percebeu que a relação estava doentia, pensou em se separar. Então ele a chamou para morar junto, tentar novamente. Ela foi, nada se tinha a perder - nunca tinha.

No mesmo teto, com o tempo se equilibraram financeiramente e começaram a construir coisas. Começaram a gerenciar o pequeno empório da família dele. Dakota passou a trabalhar como assistente de marketing e, um tempo depois, com a ajuda do pai, que tinha ganhado um

bom dinheiro no jogo do bicho, comprou um bar/restaurante.

Tudo estava bem finalmente. O amor, o dinheiro, o dia a dia. Até que uma mensagem mal interpretada no whatsapp fez tudo desmoronar. Um pessoal do colégio estava em contato para marcar um reencontro da turma. Um menino tinha mandado mensagem para saber onde era, pois Dakota tinha oferecido o restaurante como o ponto de encontro. “Como eu faço pra chegar até você?” - dizia a frase. Ela sabia que o marido era ciumento e por isso apagava sempre todas as conversas do celular. Nesse dia, acabou dormindo sem deletar. Foi acordada aos xingos: “puta, vagabunda, você não presta!”. Ele tinha colocado na cabeça que ela estava marcando um encontro romântico com o cara. “Só que a gente já se conhecia há 9 anos, não era justo ele me acusar sem me dar direito a resposta. Me pegou pelo pescoço, me jogou, e ele tinha um 1,92 e 115kg. Na hora que ele me pegou e eu vi que ele tava me machucando, eu olhei pra ele e falei ‘não faz isso, porque eu aceito qualquer coisa, menos agressão’”. Mulher que foi abusada de vários tipos pela vida, é incapaz de aceitar agressão de qualquer forma.

Os gêmeos moravam com ela na época e estavam com 18 anos. Ao ouvir a irmã sendo agredida, quiseram defender. “Eu não deixei eles fazerem nada, só falei para pegarem as coisas deles para irmos embora”. Pegou o notebook de trabalho, duas peças de roupas e antes de sair disse: “Você não me ouviu, eu não fiz nada, é uma mensagem mal lida. Você vai se arrepender, você vai se humilhar e eu vou massacrar você por não ter acreditado em mim”. Sua sorte foi que a irmã morava na mesma rua e a acolheu. “Mas foi humilhante. Ele pegou minhas coisas e jogou na porta da minha irmã, quebrou um monte de coisa. Até depois que eu

voltei pra pegar algumas coisas ele pediu pra reconciliar, mas eu falei ‘eu não volto, você me conhece’”.

Só o tempo para curar uma ferida de algo cultivado por nove anos. Dakota precisou viajar, ficar perto de gente amiga. Foi para Belo Horizonte visitar a amiga Alexia. As duas compartilhavam mais que uma profissão, compartilhavam uma amizade de 15 anos. Se conheceram na época de escola, em São Paulo e de lá pra cá nunca perderam o contato. “Eu sou uma pessoa péssima pra manter contato, é da minha personalidade. Mas ela sempre manteve, ela é muita amiga. Uma pessoa que se ela puder morrer por você, ela morre, mas também se você pisou na bola, já era”. Quando Alexia foi para Itália e precisou de dinheiro, foi Dakota que pediu ao namorado francês para emprestar um grana pra ela. “Não sou alguém que planta amizade mesmo, cria raiz. Mas se precisar de mim eu vou te ajudar porque eu sou sua amiga, mas alimentar da forma que ela alimenta, não”.

Foi em Alexia que Dakota achou abrigo e uma chance de se sentir viva de novo. Ela considera a capital mineira uma passagem para algo que não sabe ainda. “É por algum motivo, pra me despertar de algumas coisas que eu ainda não tenho conhecimento”. Ao ir para BH, se deparou com a prostituição que não via há muitos anos. Nada a se perder de novo, resolveu experimentar de um tipo diferente da profissão: a de luxo. Tirou fotos e se lançou nos sites da cidade para ver o no que dava. A ideia era só experimentar e logo voltar para São Paulo, mas o motivo que teria para voltar, morreu. Depois de um tempo da separação, conheceu outro cara. Quando o conheceu estava morta de corpo e espírito, foi o momento que filtrou sua vida inteira, e percebeu o porquê era de um jeito e não de outro, o motivo

pelo qual bloqueava sentimento. Dakota se apaixonou por ele, porque ele tinha chegado em um momento que ela precisava se sentir amada. Fez planos, queria ter filhos.

O moço sabia o que Alexia fazia para viver. Quando ela falou que ficaria uns dias na casa dela, ele não tinha gostado da ideia. “Um dia a Alexia estava bêbada e mandou mensagem pra ele dizendo ‘não deixa ela se perder aqui, como eu me perdi’. Eu sei que não foi maldade, como ela te contou que não gostava da profissão, mas agora gosta do que faz, só que o menino pegou no ar”. Com medo de que ele descobrisse, Dakota resolveu contar o que estava fazendo. “Estão acontecendo algumas coisas aqui”. “O que Dakota?” - ele a chamou pelo nome de guerra. Ele tinha pesquisado na internet e achado suas fotos nos sites. Na época suas fotos não mostravam o rosto, mas ele disse: “eu posso não te conhecer de frente, mas de costas eu te conheço, pode tampar o rosto quantas vezes você quiser”. Não tinha como negar. “Ele acabou comigo, foi doloroso porque eu não tive defesa, ele terminou comigo e disse que não queria me ver nunca mais”.

Nada a se perder, nada que a fizesse ficar, vendeu o restaurante em São Paulo e decidiu que iria se dedicar à profissão e ganhar muito dinheiro. “Acho que o que me fez voltar a me prostituir, depois de tanto tempo, foi a desilusão, eu quis me preencher de alguma forma”. Há dois meses de volta a profissão que tinha deixado há nove anos, hoje é uma nova mulher. Diferente daquela que vendia o corpo por dinheiro aos 16 anos, se vê mais confiante e com um psicológico mais forte para estar nessa vida.

Quando decidiu se jogar na profissão, quis experimentar de tudo. Trabalhou por 10 dias em boates. Na Crystal, uma das mais conhecidas e caras da capital, não deu

muito certo. O esquema era: o cara senta, você chega e se oferece pra ele. “Porra, me oferecer pro cara? perai!” - ela pensou. Como é morena, usava de outras táticas para chamar atenção. Ao invés de ficar em cima dos clientes, ia sempre de branco para se destacar na luz negra. “Eu não saí com ninguém lá, era um briga de foice, sentava uma, duas. Só que eu esperava todo mundo sair, e chegava na ideia certa, pra trocar um ideia, sem pressão”. No final o cara gostava, achava Dakota diferente de todas, pegava o número e a encontrava fora dali. Também trabalhou no Sayonara e nas três vezes que foi, saiu com os caras. Mas como não viu muito lucro, decidiu ficar firme no site.

Dakota nunca gostou do sexo em si na profissão, sempre gostou do envolvimento e saber que tem o poder da sedução. Gosta também da parte que tem o dom de conseguir cliente bonito. “Cada uma atrai um tipo de homem e eu atraio bonito”. O tabu que prostituta não beija na boca, não existe pra ela, que acredita que é o toque que envolve, não o beijo. “Tem uns caras que eu gosto muito de ficar. Que me liga e eu fico toda animada porque é um dia que eu vou gozar pra caralho e ganhar por isso. Mas eu fico nessa animação lá dentro, pra mim, porque eu não posso manifestar essa felicidade senão o cara sai fora”. Tem uns quatro clientes que ela gosta muito quando liga, que até as vezes lhe chamam pra sair um dia, mas ela só fica na vontade. “Meu lado profissional me diz que eu não posso misturar. Eu tenho um equilíbrio emocional muito grande”.

Mesmo trabalhando em uma profissão que preza pelo prazer do outro, ela não finge gostar ou gozar. “Não finjo que a situação tá legal, se não tá rolando eu vou mudando pra ficar bom, sempre pensando em mim. Porque o cara, o que eu fizer, no final ele vai gozar de qualquer

forma”. Pensando sempre nela, nunca fez programa sem camisinha. A vontade, dependendo do envolvimento, é grande, mas seu lado racional fala mais alto. Uma vez a camisinha estourou, apesar do medo, nada aconteceu. Mas para evitar passar por coisas assim novamente, toda vez que vai ter uma relação com o cliente, enfia algodão de bolinha. Um algodão normal e um úmido com lubrificante. “Eu penso que se estourar vai ficar no algodão e não vai passar. Esse é truque pra quem está menstruada. Quando a gente está menstruada, trabalha normalmente”.

Dakota geralmente não tem medo dos clientes. Aprendeu com os conselhos de Alexia como entrar e sair de algum momento perigoso ou constrangedor. Em sua primeira semana, um cara a pegou na porta do flat. Sensitiva, não sentiu uma coisa boa vindo dele. Como costume, decorou a placa do carro para segurança. “Eu entrei no carro e vi que ele tava com um olhar diferente, eu senti que ele ia fazer alguma coisa”. Ele queria levá-la pra um lugar e ela se negou. Ele ficou bravo, mas logo a profissional usou da lábia: “Olha, daqui a 10 minutos meu cafetão vai me ligar e se eu não der um retorno ele vem atrás de mim, eu mandei o número da sua placa pra ele já”. Mandou mensagem pra Alexia ligar em 10 minutos se ela não tivesse chegado em casa. “Mandei ele me deixar na porta de casa nesse tempo. O cara ficou morrendo de medo e me levou embora em 10 minutos. Então, se eu não tivesse tido essa atitude eu não sei o que ele faria. Me passou várias coisas na cabeça. Mas a gente tem que passar por essas coisas pra pegar as maldades”.

É por essas e outras, que ela não chega tirando a roupa e fazendo o que tem de fazer. Fica conversando com o cliente de 5 a 10 minutos, pra entender, sentir quem é a

pessoa e depois começar. “Eu sei induzir, levar o cara pra onde eu quero. Eu tenho uma sensibilidade também, que se eu olhar o cara, ou pela foto, por algum detalhe eu não quero atender, e eu não atendo”. Hoje não sai com homens que querem pegá-la em casa. Prefere encontrar a pessoa em algum lugar ou atender em seu apartamento mesmo. “Por essa experiência que eu tive, prefiro fazer assim. Entre outras manhas que você vai pegando, vai ficando mais fria, mais pratica. As vezes nem tudo é só sexo, as vezes você tem que ser só psicóloga, conversar, eles falam da mulher que é chata, do emprego estressante, dos filhos que píram a cabeça”.

Ganhando quase o que um médico ganha em um mês, ela confirma que é uma vida que dá muito lucro. Agora o plano é mexer com sadomasoquismo. “Mas só eu fazer na pessoa, porque fazer em mim eu não suporto. Não gosto nem que pegue meu braço, por tudo o que eu passei. Quero isso pelo lance da dominação mesmo”. Ciente que esse tipo de programa quase ninguém faz e é umas das coisas que os homens mais pedem, a ideia é ganhar mais dinheiro sem ter que fazer o sexo, a penetração. “Porque eu não quero praticar o ato sexual, e se você estudar sobre isso, vai ver que não tem. O sado é a ilusão do sexo. É algo que mexe com o subconsciente, a imaginação”.

Dakota tem visto cerca de 30 vídeos pornôis sobre o tema por dia. “É uma coisa de poder, e é o que eu expresso hoje em dia, porque eu sei do poder que eu tenho sob os caras”. Ela pretende tirar umas cinco fotos com as fantasias do sado. No celular, ela mostra como será e quais os apetrechos usados. Ela sabe que esse tipo de sexo mexe com o psicológico, mas afirma que tem o seu muito equilibrado e

sabe com o que vai mexer. “Eu consigo separar, eu sou duas pessoas”. Famosa geminiana.

Nas novas fotos, não quer mostrar o rosto mais. Um rosto não muito comum na capital mineira, prefere evitar os olhares que já vem percebendo nesses tempos. “Eu não acho constrangedor porque eu sei entrar e sair da situação muito bem, mas eu não quero isso. Vai que eu conheço alguém legal e eu não quero perder oportunidades por causa disso, e eu já perdi. Vivi isso na pele esses tempos”.

Com o último relacionamento destruído pela verdade, opta pela mentira. Ainda são tempos difíceis para os sonhadores. “Eu não conto porque a forma que as pessoas olham, te julgam quando sabem. Elas não entendem que é uma coisa totalmente profissional, é um trabalho e eu me sustento com isso. Eu tenho que estar linda e maravilhosa, unha feita, depilação, cabelo lavado, porque eu vivo disso. 24 horas por dia eu tenho que estar linda. Então eu não conto, invento história”. Geralmente Dakota fala que trabalha com venda de carro em BH. Tem toda uma vida arquitetada na cabeça para contar quando alguém novo surge em sua vida.

Indo em via contrária ao que tem feito, o homem que está interessada hoje sabe da sua profissão. Sabe porque as circunstâncias que se conheceram fez com que não tivesse como inventar uma nova história. Quando estava em São Paulo, emprestou um cheque para uma amiga. A amiga deu para um agiota e não pagou o cara. Ela sustou o cheque e na cabeça dos caras ela estava envolvida no esquema. “Os caras me ligaram e me juraram de morte”. Alexia conhecia um amigo advogado e ele se dispôs a ajudar. Conversou com os envolvidos para tentar resolver. Orientou ela de como conversar. “Ele salvou minha vida!”. O sentimento de

gratidão em conjunto com a beleza do advogado, despertou a atenção de Dakota. “Ele é lindo! Ele é maravilhoso. Eu tô interessada nesse cara, tá foda”. A empolgação com o novo romance era evidente. Vira e mexe, ela voltava a falar sobre ele. De coração gelado, se tornou uma adolescente apaixonada.

Como ele sabia o que Alexia fazia, ela pressupôs que ele saberia dela também. “Você sabe o que eu faço?”. “Não”. “Sou prostituta”. “Tudo bem, não tenho preconceito”. Apesar de falar que não tem preconceito, ela sabe que isso o deixou receoso. A conquista era mais complicada - apesar de ter a certeza que conseguiria no final. “Eu tenho um dom de entrar no subconsciente do cara, mexer com a cabeça dele de uma forma que ele sempre vai dizer sim, nunca não. Esse cara tem uma postura firme, mas eu já entrei na mente dele, convenci ele de que vale a pena”. A arma está apontada. Dente perfeito, alto, malhado e metrosssexual - todas as qualidades que Dakota gosta em um homem está nele. “Eu quero casar com ele”. Efêmera em seus discursos, a conquista era o gás para a vida. Passageira.

“Me apego e desapego muito fácil das coisas” - cita como um de seus defeitos. Em contrapartida, acredita que uma das qualidades é ser intensa nas coisas; enquanto dura. “Hoje eu entendo que dizem que geminiano é duas caras, você pode me maltratar e arrancar meu coração, eu vou ficar de boa, mas vai ter troco. Tudo pra mim tem troco” - ser vingativa é outro defeito que sabe que tem. A vida de despedidas e de pessoas más moldaram sua personalidade. A profissão, em boa parte, moldou como pensar a vida e lhe mostrou que existia mais do que o mundo que vivia. “Você se limita quando tá apaixonada, é dona de casa. Então voltando na profissão, você aumenta a autoconfiança, sua

independência. Coisa de ego mesmo”. Apesar de ter a parte boa, a prostituição lhe afastou de muita coisa e trouxe a mentira. Dois pesos, duas medidas. Que lado a balança pende?

Em uma vida que teve que se virar sozinha por muitas vezes, se diverte consigo mesma. Uma boa música eletrônica a leva para o estado de nirvana. Dança sozinha, fecha os olhos, sente a energia. “Esse tipo de música tem muito efeito sobre mim. Não gosto muito de barzinho, eu gosto é de balada, gosto de ver gente sensualizando, dançando”. Outra felicidade simples é cozinhar. A vontade é fazer gastronomia. Expressa na comida o amor que tem pelas pessoas. “A satisfação de alguém comer minha comida é maravilhosa”. Não quer casar e nem sonha com conto de fadas. Quer filhos e que a sua riqueza seja dedicada totalmente a eles.

O começo foi bom. O meio nenhum pouco. O agora é estável. O fim, ela espera que esteja longe. O plano é ficar rica. Quer ficar em Belo Horizonte até dezembro e dali partir para Itália ou França - ganhar em euro. A meta é 150 mil euros em três meses. Dakota já se perdeu, já amou, já se prostituiu. Agora quer dinheiro, casa, carro e um filho. “Quero ter tudo isso e poder bater no peito que a profissão valeu a pena. É o que eu quero, me planejei pra isso. Vou ficar lá até março e acabou. Se não der, eu volto de novo”. Nada a perder.

A busca sempre foi pela felicidade. Se pudesse, voltaria para aqueles dias pobres com o amor materno. Não deu certo. Talvez a felicidade esteja no dinheiro. No prazer de usar a sensualidade. Talvez a felicidade não esteja em lugar nenhum. Só dentro de Dakota. O que é a felicidade?

